

Introdução: Primeiros ensaios práticos

Educar é uma tarefa árdua, contínua e requer muita paciência. Porém, neste contexto, permeiam as frustrações e a vontade de desistir.

Embora os pais saibam do grau de responsabilidade na educação de seus filhos, sentem-se inseguros quanto às metodologias que utilizam. Dentre elas, os castigos, as palmadas e os gritos estão ocupando o lugar do diálogo prejudicando, cada vez mais, a relação familiar.

Os pais estão perdendo autoridade perante os enfrentamentos dos filhos e não sabem como reagir, a quem recorrer. Ficam desnorteados. Ora permissivos demais, ora rígidos demais.

O que fazer? O que está certo? Ele é um pai agressivo? Ela é uma mãe submissa? A culpa é da criança? A televisão é responsável pelo comportamento do meu filho? A palmada educa? Ele pode fazer o que quiser? Para quê dar limites?

Certos questionamentos me acompanham desde criança. Lembro-me que ficava comparando os comportamentos dos meus pais com os dos pais dos meus colegas. E há algum tempo percebi que passei a observar conversas que tinham como objetivo o convencimento das pessoas: as campanhas eleitorais, as campanhas para a arrecadação de dinheiro para instituições de caridade, as propagandas em novelas, o discurso da Supernanny... Espere! O discurso da Supernanny? Sim! O programa é transmitido pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) e enfatiza a educação familiar. Traz uma pedagoga que ensina aos pais a como educar seus filhos para a vida.

Mais uma vez, meus pensamentos dispararam. Como ela é capaz de convencer os pais sobre a educação dos próprios filhos? Quais são seus argumentos? A tarefa é fácil? Ela trabalha com quais estratégias? Os pais aceitam calados? Enfim, lá vou eu me aventurar neste universo das palavras para, ao menos, tentar entender como o discurso é capaz de mudar rumos.

Antes de trabalhar com os discursos dos outros, trabalharei com o meu discurso. Falarei para mim mesma usando o meu discurso. Esta será uma tarefa árdua e instigante: falar de mim para eu mesma. Estou acostumada a falar do outro, com o outro e sobre o outro, mas quando penso em mim, preciso de uma pausa. Pausa para “olhar” para mim, pausa para enxergar meus medos e perspectivas e, principalmente, para resgatar minhas memórias.

Necessito olhar! Olho no olho para compartilhar sentimentos. Faço isso com os outros. Então decidi fazer isto comigo também. Peguei um espelho e olhei dentro dos meus olhos. Neste momento observei o quanto é difícil se olhar, se revelar, se questionar...

Olhando para mim, comecei a contar a minha história: Me chamo Marcelle, prazer! Meu nome vem do latim e significa proveniente de Marte. E eu acredito nisso, porque muitas vezes sinto que sou de outro planeta. Bem, tenho 31 anos, mas corpinho de 30. Brincadeira. Tive que dizer isso para mim, já que sempre brinco com os outros. E sinceramente, não achei graça alguma desta piada. Sou casada e tenho um filho, ao qual chamo de Vinícius (que vem do latim e significa “*aquele que cultivava uva*”). Uva! Minha fruta favorita. Ele foi um bebê muito desejado e ocupa o lugar de destaque em minha vida. Minhas atitudes, em relação a ele, trazem um momento de reflexão acerca do meu desempenho como mãe, minha maneira de educar. Estou sempre atenta as suas necessidades e me preocupo quanto ao seu futuro. Quero que seja capaz de fazer leituras críticas sobre suas escolhas.

A essa altura, minhas mãos estão suadas e molham o espelho. Como é difícil se “olhar nos olhos”. Porém, preciso continuar...

Procurei pensar em minha infância, em minhas travessuras (e não foram poucas) e trago a lembrança da minha mãe. Ela sempre foi um ser maravilhoso; era participativa. Meu pai, sempre carinhoso, era o homem do trabalho. Trabalhava para dar tudo aos filhos. Nossa! Quantas lembranças! Vários pensamentos, enquanto criança, me inquietavam. Mas o que até hoje perpetua é a frase da minha mãe: “O que os outros vão dizer?”. Aquilo me paralisava, pois eu não queria saber o que os outros iriam pensar se eu ficasse até mais tarde na rua ou se uma menina estava jogando futebol ou soltando cafifa com os meninos. Eu só queria ser eu! Não queria ser igual a ninguém...

Hoje, começo a questionar como a influência de um discurso pode direcionar e mudar a vida e os conceitos de outras pessoas. Como minha mãe era influenciada pelas palavras das vizinhas, que adoravam dar palpites na minha educação! O que levava a minha mãe a acreditar que a forma de pensar de uma vizinha era melhor do que a dela? Como atribuir credibilidade à outras pessoas sobre a educação dos seus filhos?

Muitos questionamentos estão entre mim e o espelho. Chego a falar de forma áspera comigo mesma. Meu coração está bastante acelerado. Sinto raiva,

impotência. Tenho vontade de voltar no tempo e enfrentar aquelas pessoas que nem me conheciam, mas julgavam saber o que era melhor para mim. São muitas memórias se enfrentando com o que penso atualmente. E elas continuam: Será que existe o certo e o errado na hora de educar? Será que existem receitas? Como são as crianças de hoje? Será que minha mãe ainda pensa nas observações dos outros?

Daqui para frente levarei o espelho sempre comigo, ou seja, me olharei nos olhos numa pesquisa que, talvez, possa responder alguns dos meus inquietantes pensamentos. E, com certeza, outros virão.

Partindo desta perspectiva sobre futuros questionamentos e de suas relevâncias para o contexto social, a temática foi decidida. A escolha de se trabalhar com o tema “Mídia e Educação: A Análise do Discurso do programa Supernanny” se deu pela necessidade de compreender como o discurso da Supernanny abrange uma legião de pais capazes de adotarem sua metodologia e sua aplicabilidade nos mais variados contextos. O tema sugere uma reflexão acerca da prática educativa em questão e do papel relevante da sociedade como um todo, contribuindo, de alguma forma, na construção destes sujeitos, pois as crianças não são educadas apenas para viver dentro de casa, mas para seguir alguns padrões “impostos” pela sociedade a qual estão inseridas.

O programa “Supernanny” era apresentado em temporadas, mas, devido ao aumento da audiência, ele passou a integrar a grade fixa da emissora. Nos programas são abordados os problemas familiares, tanto no que se refere as atitudes entre pais e filhos, quanto atitudes entre o casal. A ênfase está em problematizar os padrões sociais e distribuir a responsabilidade na educação de nossas crianças, ou seja, os pais são os responsáveis mais próximos, mas os parentes, a escola, as crenças, os valores, os diferentes pensamentos fazem parte da construção da identidade social destes pequenos.

Esta pesquisa é relevante porque permite um olhar aprofundado acerca da utilização do discurso e suas consequências. Neste contexto, um discurso com o propósito de convencer pais e crianças sobre um padrão/modelo de comportamento com melhor aceitação social.

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar o caráter pedagógico do discurso do programa “Supernanny” e seus efeitos sobre os telespectadores. Para este feito trabalharemos com os seguintes objetivos específicos: Compreender os

vários olhares acerca da televisão, Investigar a diversidade de papéis discursivos assumidos pela Supernanny durante o programa e Analisar a dinâmica do programa em relação aos efeitos **discursivos** que produz sobre os telespectadores.

Esta pesquisa traz questões de estudos acerca do programa Supernanny. São elas: Quais as funções da televisão? A quem se propõe o discurso do programa “Supernanny”? Que tipo de discurso o programa produz? e Que efeitos esse discurso produz sobre os telespectadores?

O presente trabalho priorizou a realização de uma pesquisa voltada para a análise dos programas Supernanny com ênfase **em elementos** da Análise de Discurso, onde foi possível, através da exibição dos programas, encontrar e compreender os elementos fundamentais de um discurso e suas repercussões para um determinado público-alvo.

A análise bibliográfica teve uma participação fundamental neste projeto, pois evidenciou conceitos e estudos acerca da importância do discurso, ressaltou a necessária preocupação com relação à educação infantil, trazendo diferentes abordagens discursivas.

Com o propósito de analisar a linguagem utilizada pela Supernanny (Cris Poli), foi considerado objeto desta pesquisa, além de alguns programas gravados, o seu livro “Filhos autônomos, filhos felizes” (2006). A utilização do livro escrito pela apresentadora do programa Supernanny contribuiu para o conhecimento de suas ideias “fora” do programa, ou seja, como um comparativo entre teoria (o livro) e prática (o programa).

Ainda no contexto metodológico e com o objetivo de conhecer o público deste programa foi realizado um *grupo focal* com a presença de oito pessoas que, após a exibição de um programa escolhido aleatoriamente, respondeu a perguntas feitas pela mediadora, abrindo para o debate. Esta estratégia foi relevante porque proporcionou uma integração entre as pessoas que assistem ao mesmo programa, possibilitando exposições de ideias, sugestões e críticas.

Para desenvolver todo este trabalho de pesquisa se fez necessário escolher parceiros intelectuais, ou seja, estabelecer diálogos com estudiosos dos assuntos em questão. Nestes diálogos foi possível perceber a gama de conhecimentos que estava a quilômetros da minha ignorância.

No sentido de compreender a televisão, sua trajetória e influência no cotidiano social, utilizei as contribuições de Sodré (1999), Fischer (2002), Machado (2000), Schwartz (1985), Foucault (1987), Ferrés (1996) e Eco (2006).

Com Sodré (1999) percebi que a televisão cria uma realidade que permite o imaginário do indivíduo, onde ele é capaz de se sentir coautor de tudo que acontece no mundo porque, de alguma forma, está conectado ao universo televisivo, fazendo parte daquele contexto em tempo real. Ainda no viés televisivo, Machado (2000) assegura que a televisão será aquilo que queremos que ela seja. Ela terá o poder que daremos a ela. Para isto é necessário estarmos atento para o quê atribuímos relevância.

Fischer (2002) nos atenta para o fato de que a televisão está, cada vez mais, assegurando um lugar de detentora do saber, aquela que sabe o que é melhor para a vida das pessoas. É necessária cautela na hora de filtrar as informações para que o senso crítico do ser humano não seja abalado, para que ele seja capaz de discernir, através do que é transmitido pela mídia televisiva, o que é bom ou ruim para sua vida.

Outra referência teórica que ajudou este trabalho com o intuito de compreender o fenômeno em que se transformou a televisão foi Schwartz (1985), que trouxe uma comparação entre a mídia e o valor que lhe é atribuído. Neste contexto, chamou a televisão de Segundo Deus. A partir de suas leituras compreendi o tamanho do valor que é atribuído à mídia por um número enorme de pessoas; pessoas estas capazes de permitir que a mídia televisiva gerencie a sua vida, ou seja, aceita e segue as regras impostas pela televisão, independentemente de concordar ou não com o que está sendo transmitido. Assim como na religião, onde os religiosos seguem a Deus sem questionamentos, os telespectadores seguem a televisão com a mesma intensidade.

Este estudo sobre os vários olhares é extenso e complexo, pois depende de inúmeros fatores. Dentre eles, o contexto histórico e social atuais e a necessidade presente no indivíduo no instante em que se coloca diante da televisão. Nesta busca para entender este processo televisivo, recorri a Foucault (1987), que me permitiu a compreensão de que ao pensar que quando estamos olhando para a televisão estamos vigiando, na verdade, estamos sendo vigiados, e constantemente. Pensamos que temos o domínio das nossas vontades, mas não percebemos que sofremos interferências permanentes e, hora ou outra, estamos repetindo a frase

daquele apresentador que achávamos impertinente ou estamos usando “botas para montaria” na cidade porque está na moda na novela que traz a vida de peões.

Ao utilizarmos da moda exposta na mídia televisiva estamos, a partir das contribuições de Ferrés (1996), fazendo da televisão um espelho, ou seja, para ele a televisão transmite aquilo que o telespectador anseia. Isto foi interessante perceber, pois se fez necessária uma reflexão acerca de como nos vemos, como nos percebemos enquanto indivíduos, pessoas com particularidades que, diariamente, estão sendo homogeneizadas pela televisão através dos mais variados programas, inclusive por propagandas comerciais que trazem, geralmente, os modelos/padrões perfeitos de “gente”.

Para compreender sobre a metodologia da Análise do Discurso, busquei diálogos com Orlandi (2005), Gregolin (2003), Nagamine Brandão (2009), Bakhtin (2002), Chauí (2000), Fernandes (2005), Foucault (1987) e Barbero (1997).

Para entender as nuances do Discurso me apropriei dos conceitos destes estudiosos, onde foi possível entender que o sujeito não “fala sozinho”, mas que sua fala atravessa outras falas; e ainda, estes conceitos permitiram a articulação das ideias de Brandão (2009), Bakhtin (2002), Chauí (2000), Fernandes (2005) possibilitando um caminhar coerente entre linguagem, sujeito polifônico, ideologia, enunciação, sentido e memória discursiva onde o objetivo é o de entender o que é o Discurso.

Para compreender o terceiro e último capítulo deste trabalho, utilizei a ideia de Silveira (1998) que esclarece que um programa televisivo não tem a finalidade de responder a demanda dos seus telespectadores, mas gerar a questão inquietante e problematizá-la; também recorri às leituras sobre a educação infantil estabelecendo uma relação entre as ideias abordadas pelo programa Supernanny e a sua interferência no universo infantil. Para esta empreitada, utilizei a própria Cris Poli (2006), educadora e apresentadora do programa em questão, Kamii (1993), De La Taille (1992) e Piaget (1932).

Cris Poli acredita na importância da disciplina, das regras, de uma rotina organizada envolvendo todos os membros da família e, principalmente, na autonomia dos pequenos. Porém, a pesquisa feita sobre sua metodologia contribuiu para as seguintes reflexões: Quem deve organizar a rotina? Como isto deve ser feito? Como desenvolver a autonomia nas crianças? Neste contexto aparecem Piaget (1932), Kamii (1993) e De La Taille (1992) que ressaltam a importância de se

compreender a individualidade das crianças e suas etapas de desenvolvimento, respeitando o tempo, o ambiente e os valores de cada uma.

Alguns teóricos aparecem em mais de um capítulo porque os assuntos se entrelaçam, permitindo esta recorrência.

Esta monografia está estruturada em três capítulos divididos da seguinte forma: O capítulo I traz a trajetória da televisão no Brasil e os diferentes olhares voltados para ela. Desde o seu surgimento, quando ganhava somente a sala de uma residência, até os dias de hoje, quando é considerado objeto indispensável dentro de qualquer ambiente e espaço, a televisão desperta divergentes opiniões.

Para compreender estas divergências foi necessário entender a realidade social e o contexto factual, respeitando momentos históricos, culturais e políticos, tanto das pessoas quanto dos lugares, pois dependendo do acontecimento, muda-se o foco. O que isto quer dizer? Se estivermos num período de Copa do Mundo, por exemplo, a televisão é vista como um entretenimento coletivo, pois proporcionará mais alegria do que tristezas; é um momento em que as famílias se reúnem para ver o jogo. Porém, se o foco é a violência na cidade, a televisão já é taxada de “portadora de desgraças”. Já se escuta “na TV não tem nada que preste!”. Esta relação de “amor e ódio” com a mídia televisiva requer compreensão.

O capítulo II traz a definição de Discurso e aborda uma discussão sobre a Análise de Discurso e seus elementos fundamentais. A partir desta pesquisa é possível compreender que o discurso é o espaço de interação entre os indivíduos, onde eles agem e atuam, um sobre os outros. Este discurso não é neutro, mas construído de acordo com as interferências sofridas pelos sujeitos envolvidos.

O capítulo III traz a questão inquietante que permeou toda a minha pesquisa: o programa Supernanny. Se a imagem capturou minha atenção, capturou também os meus questionamentos acerca desta relação tão instigante entre a televisão (o programa) e o telespectador. Esta pesquisa me fez “participante” dos programas, ou seja, me envolvi e procurei compreender os mais diferenciados contextos e argumentos apresentados. A tarefa foi árdua porque existem diversos conceitos para determinadas ideias. Dentre eles, podemos destacar os termos limites, disciplina, autoridade e o amor. Este último traz o sentimento de culpa associado. Tudo porque muitos pais acreditam que amar seus filhos significa permitir tudo, principalmente se estes pais precisam ficar ausentes na maior parte do tempo ou recorrem a terceiros na difícil tarefa de educar suas crianças.

Estes programas televisivos considerados populares (o caso do programa Supernanny) e que são de grande audiência, devem ser problematizados. Eles precisam ser analisados com critérios coerentes com o público de interesse, ou seja, entender os mecanismos utilizados capazes de assegurar a atenção de pais ou pessoas que atribuem ao programa o papel educativo, pedagógico. Seguindo esta linha de pensamento, o recorte do tema se constituiu a partir da necessidade de compreender como os responsáveis pela educação das crianças (tratadas no programa como responsabilidade dos pais) se deixavam conduzir pelas orientações e argumentos trazidos por uma terceira pessoa: a Cris Poli (apresentadora do programa).

Compartilho com a ideia de Silveira (1998) que “não cabe ao programa televisivo, fechar todos os espaços, apresentar a solução definitiva de questão inquietante, é preciso mostrar a falha, a partir da qual se vai produzir a pesquisa, abrir o corte que vai gerar a indagação.” Não tenho a pretensão de definir se o programa Supernanny deve ou não ser um modelo de práticas educativas, mas de propor uma discussão embasada na análise do mesmo.

O trabalho proposto possibilita um olhar atento e detalhado com o intuito de perceber a existência das inúmeras práticas educativas e de suas “possíveis” consequências.

Antes de começar a me debruçar sobre a pesquisa, quis saber as opiniões de várias pessoas sobre o programa. E fiquei surpresa e ainda mais motivada. A cada passo, meu interesse aumentava. Pude perceber, ao ouvir coisas do tipo “Essa Cris Poli acha que sabe tudo!” ou “Coitada da criança!” ou ainda “Criança pode fazer tudo mesmo, tem que aproveitar!”, que as mesmas pessoas que falavam isso nunca sequer tinham visto um programa, na íntegra. Afirmavam terem “dado uma olhadinha”. Como assim? Uma olhadinha era o suficiente para considerar o programa Supernanny como mais um lixo televisivo? Concordo com Silveira (1998) quando ela diz que “conhecendo da imagem só a apresentação final, perdem-se as etapas anteriores.” Antes de avaliar um programa, em lixo ou luxo televisivo, é preciso observá-lo e compreendê-lo dentro de um contexto pré-estabelecido.

Constatando que para qualquer assunto temos, no mínimo, dois lados que opinam, encontrei no decorrer das escutas sobre as críticas ao programa Supernanny uma legião que, não só assistia ao programa, como seguia o que era dito pela apresentadora e educadora Cris Poli. Como assim? Num extremo, pessoas

que tem aversão ao programa e no outro extremo, defensores e seguidores das metodologias de uma apresentadora de televisão? Ao me aprofundar na pesquisa percebi que, timidamente, aparecem aqueles que não tem ojeriza, mas não seguem o “manual à risca”.

Esta pesquisa consistiu em um estudo de caso, com abordagem qualitativa e quantitativa e seguiu as seguintes etapas: Assistiu-se aos episódios do programa Supernanny, observando os procedimentos utilizados pela educadora e apresentadora Cris Poli; Em cada episódio, foram analisados os problemas vivenciados, os procedimentos utilizados, a (s) justificativa (s) dada (s) pela Supernanny para o uso dos mesmos e os resultados alcançados; Realizou-se um *grupo focal* composto de oito pessoas, onde foram discutidos, desde os motivos pelos quais assistiam ao programa, passando pelas opiniões sobre os elementos encontrados em todos os programas, até chegar ao questionamento quanto à participação dos mesmos no Supernanny.

1 Capítulo I: A televisão: de qual jeito você vê?

Este capítulo faz uma abordagem acerca de um eletrodoméstico que foi inaugurado no país há meio século e que não deixou de crescer em importância, a ponto de ser considerado o meio de comunicação de maior influência nos costumes e na opinião pública: a televisão. O capítulo também questiona o papel da televisão enquanto formador de opiniões e conceitos por parte dos seus usuários.

Pensar em trabalhar com imagens é adentrar ao estudo da história da civilização. Já nos primórdios, o homem se utilizava de desenhos para descrever os acontecimentos provenientes daquele tempo histórico e deixar informações para as gerações seguintes. Inclusive, é através deles que desenvolvemos teorias acerca de como era a vida naquela época.

Com o desenvolvimento das técnicas, a pintura passou a reproduzir quase que fielmente as imagens, que antes eram só desenhadas. Porém, o surgimento da fotografia, o processo de obter imagens através da ação da luz, incomodou os pintores, que passaram a ter uma grande concorrente, que reproduzia a imagem de forma mais rápida e exata. Este duelo possibilitou o desenvolvimento de novas habilidades dentro destes dois segmentos artísticos. Com o aparecimento da fotografia a pintura pôde aspirar outros objetivos que não fossem a exata reprodução do que os olhos veem.

Aperfeiçoando a técnica desenvolvida no cenário da fotografia, surge o cinema. No começo, o cinema era visto somente como arte, mas no século XIX se tornou a maior indústria de comunicação de massa. Isto porque a preocupação do homem em registrar o movimento é antiga e esta possibilidade causou impacto na sociedade. A história do cinema, o sistema de reprodução de imagens em movimento registradas em filme e projetadas sobre uma tela e usado como meio de expressão artística e comunicação de massa, é curta se comparada com as demais artes. Com a criação do cinematógrafo, uma câmera de filmar e projetar imagens em movimento, os irmãos Lumière começaram a produzir seus filmes em 1895, na França. Neste contexto surge a expressão “cinema mudo” pelo fato dos filmes não possuírem sons. O cinema com som surgiu em 1926.

Com o surgimento da televisão, nos anos 50, o cinema sofreu um forte processo de desestabilização. Assim como a fotografia não acabou com a pintura e o cinema não acabou com a fotografia, a televisão não acabou com o cinema, mas a

partir do surgimento de seus “sucessores”, cada um desses meios precisou se readaptar a uma nova realidade, buscando novos territórios de ação.

A televisão herdou algumas características do cinema, mas a praticidade de se ter uma dentro de casa e a proximidade com o tempo presente a possibilitou de se tornar o meio mais poderoso de transmissão de valores e ideias.

Um pouco da história da televisão no Brasil...

A televisão não traz consigo apenas um maior investimento econômico e uma maior complexidade de organização industrial, mas também um refinamento qualitativo dos dispositivos ideológicos. Imagem plena da democratização desenvolvimentista, a televisão “realiza-se” na unificação da demanda, que é a única maneira pela qual pode conseguir a expansão do mercado hegemônico sem que os subalternos se ressentam dessa agressão. Se somos capazes de consumir o mesmo que os desenvolvidos, é porque definitivamente nos desenvolvemos. (BARBERO, 2006, p. 252).

A pré-estréia da televisão no Brasil aconteceu no dia 3 de abril de 1950 com a apresentação de Frei José Mojica, padre cantor mexicano. As imagens foram assistidas em aparelhos instalados no saguão dos Diários Associados.

O pioneiro Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, nascido em Umbuzeiro Paraíba, no dia 05 de outubro de 1892, dono dos Diários Associados, cadeia de jornais e emissoras de rádios, realiza seu maior sonho: inaugura no dia 18 de setembro, a TV Tupi de São Paulo, canal 3. Chateaubriand havia encomendado à RCA (Radio Corporation of America) equipamentos para as transmissões.

Chateaubriand importou duzentos aparelhos de TV e espalhou-os pela cidade. Fez sucesso, mas o problema estava em manter uma programação diária. Surgiu então o primeiro diretor de roteiro da TV Tupi: Demerval Costa Lima.

Logo na estréia a TV brasileira teve de mostrar seu poder de improviso. Eram apenas duas câmeras e horas antes do começo da transmissão uma pifou. Os técnicos americanos aconselharam que a transmissão fosse adiada, mas o diretor Cassiano Gabus Mendes, outro pioneiro da TV brasileira, decidiu ir ao ar mesmo só com uma câmera.

Em 1956, o sucesso da televisão foi tanto que o mercado publicitário investiu pesado.

Em 1976, é inaugurada em janeiro a TV Studios (TVS), no Rio de Janeiro, embrião do SBT, de propriedade de Sílvio Santos. O "Programa Silvio Santos" deixa a Rede Globo, em Agosto, e passa a ser transmitido pela Rede Tupi e TVS.

Em 1980, em 14 de Julho, sai do ar a primeira emissora inaugurada no país: a TV Tupi de São Paulo. É o fim da Rede Tupi de Televisão. Início das operações do SBT– Sistema Brasileiro de Televisão.

Com o início da força de comunicação da televisão, as agências publicitárias demonstraram maior interesse às pesquisas de opinião para conhecer hábitos e costumes de seu público e saber quais horários seriam mais lucrativos para a veiculação de seus produtos. No intuito de contabilizar a audiência destinada aos programas, surge o IBOPE.

Análise de audiência...

Trabalho com a hipótese de que a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico manuseado por nós, cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas, mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo. (FISCHER, 2002, p. 153).

O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) foi idealizado e fundado em 1942, quando Auricélio Penteado, proprietário da Rádio Kosmos, que resolveu conferir a audiência da sua rádio. Ele decidiu aplicar as técnicas aprendidas nos Estados Unidos e ao medir a audiência das rádios de São Paulo, constatou que a sua não estava entre as mais ouvidas. A partir deste momento resolveu se dedicar às pesquisas.

Em 1950, Auricélio Penteado deixa a presidência da empresa a cargo de um grupo de diretores. Em 1977, Paulo de Tarso Montenegro assume a presidência. O IBOPE realiza as primeiras pesquisas de boca-de-urna, antecipando com precisão o resultado das disputas eleitorais, no final dos anos 70. Nos anos 80 cria a empresa Painel e lança o Painel Nacional de Consumo. A empresa também finaliza o desenvolvimento de aparelhos "peoplemeters" com tecnologia própria, viabilizando coleta, processamento e entrega dos dados de audiência em tempo real. Na década de 90, o IBOPE inicia sua expansão pela América Latina associando-se a empresários do México, Colômbia, Venezuela, Equador, Peru, Chile e Argentina.. No Brasil, cria a empresa IBOPE Pesquisas de Mercado para realizar projetos de

pesquisa “sob medida”. O IBOPE é uma das maiores empresas de pesquisa de mercado da América Latina.

O Grupo IBOPE é composto por dois grandes negócios: IBOPE Media e IBOPE Inteligência, além de algumas parcerias estratégicas. O IBOPE Media, conhecido no Brasil como IBOPE Mídia, é responsável pelas pesquisas de mídia, investimento publicitário e hábitos de consumo. Oferece uma ampla linha de produtos que atende às necessidades de veículos de comunicação, agências de publicidade e anunciantes. Já o IBOPE Inteligência atua em estudos de mercado, de comportamento, de marca, opinião pública e ainda internet, auxiliando as organizações na elaboração de estratégias, nas decisões táticas e nos processos de inovação. Discute em profundidade os temas, oferecendo soluções customizadas e atrativas.

O IBOPE utiliza duas metodologias para a realização de suas pesquisas junto à população: o Caderno e a Peoplemeter. O Caderno é uma das mais tradicionais metodologias de medição da audiência e consiste no preenchimento da programação assistida durante o dia pelo indivíduo em intervalos de 15 minutos. Os cadernos são recolhidos no domicílio a cada duas semanas e suas informações são armazenadas em banco de dados através de um sistema de leitura ótica com entrega mensal dos dados. A Peoplemeter é uma metodologia que substitui o “caderno”. Por meio dos aparelhos peoplemeters instalados nos domicílios, as emissoras e sua programação são automaticamente identificadas e transmitidas ao IBOPE pelos sistemas de remessa Real Time para Grande São Paulo, Grande Rio de Janeiro, Grande Belo Horizonte e Grande Porto Alegre e *overnight* para as demais praças (transmissão via telefone de madrugada e distribuição dos dados de audiência na manhã seguinte; em domicílios sem telefone, o IBOPE instala telefone especial para uso exclusivo de coleta).

No aparelho peoplemeter cada indivíduo do domicílio é identificado permitindo assim a formação dos targets individuais de audiência. Os aparelhos medem até quatro aparelhos por domicílio e todas as formas de recepção VHF, UHF, Cabo, DTH, VCR.

A criação de um setor especializado para esclarecer as dúvidas em relação ao funcionamento do aparelho ou do preenchimento do caderno nas casas onde ainda não há medidores automáticos se deu pelo controle de qualidade na prestação dos serviços.

Em 1996, com a necessidade de atendimento de uma demanda de um mercado que planejava a melhoria das campanhas publicitárias, foi lançado o Painel Nacional de Televisão.

O PNT é um painel composto exclusivamente por domicílios equipados com aparelhos peplemeters. O banco de dados PNT pode ser utilizado com as ferramentas de análise de audiência e planejamento de mídia do IBOPE.

1.1 O que é televisão?

A televisão não veio para substituir os outros meios, como o rádio, o jornal ou o cinema, mas aprendeu muito com eles. Seu poder de construir/desconstruir opiniões, sua velocidade nas informações e suas atraentes imagens conseguem despertar a atenção, o interesse e a fidelidade de um público em constante crescimento. Podemos refletir acerca do papel da televisão em nossas vidas participando do seguinte pensamento

Do ponto de vista das necessidades imediatas do mercado capitalista, o primeiro ponto observável dessa engenhoca tecnológica, capaz de hipnotizar cotidianamente centenas de milhões de pessoas com imagens cinéticas, é a sua mais absoluta superfluidade.
(SODRÉ, 1981, p. 14).

Apesar da notória visibilidade conquistada pela televisão e por seus inúmeros seguidores, ela é associada, na maioria das vezes, a algo pejorativo. Quando um indivíduo manifesta seu interesse em acompanhar sua programação, ele é rotulado de ignorante, alguém com anoréxica inteligência. Isto acontece porque a televisão é posta como um meio degradante, que torna o sujeito alienado.

Afirmar que a televisão só traz banalidades é um equívoco, pois ela trabalha com o contexto social, com representações da nossa realidade. A televisão tem uma participação fundamental no processo de construção de conceitos e valores, significando e ressignificando modos de ser, pensar, agir e de se relacionar com o mundo e por isso é alvo constante de críticas.

A televisão prioriza um tipo de linguagem com o intuito de atrair a atenção de grupos específicos, ou seja, a abordagem é diferenciada toda vez que muda-se o foco. Para isso é necessário o controle da audiência, do cotidiano dos telespectadores.

Temos observado as mínimas estratégias de a televisão afirmar-se como um lugar especial de educar, de fazer justiça, de promover a “verdadeira” investigação dos fatos (relativos à violência, transgressões, crimes de todos os tipos) e ainda de concretamente “ensinar como fazer” determinadas tarefas cotidianas, determinadas operações com o próprio corpo, determinadas mudanças no cotidiano familiar e assim por diante.”
(FISCHER, 2002, p.155).

É importante frisar que à televisão designa-se o poder de gerenciar os interesses sociais. A sociedade se permite conduzir pelas notícias, programas, campanhas publicitárias e até mesmo por comerciais. Isto pelo simples fato de acreditar ser responsável por tudo o que acontece na esfera mundial, principalmente as mazelas.

Critica-se a televisão, critica-se a pura reprodução da fala midiática, a falta de independência intelectual e a legião massificada, mas permanece a prática de um meio de comunicação ditador das verdades e construções sociais padronizadas. Concordo com Machado (2000) que afirma que:

A televisão é e será aquilo que nós fizermos dela. Nem ela, nem qualquer outro meio, estão predestinados a ser qualquer coisa fixa. Ao decidir o que vamos ver ou fazer na televisão, ao eleger as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de interpretação, ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos na verdade, contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão.
(p. 12).

A televisão consegue vender todos os valores, de produtos de limpeza a ideias e atitudes. Portanto, ela merece uma leitura atenta a partir do enfoque que lhe é dado, seja ele um prestador de serviços, um gênero artístico ou um fenômeno sociológico. Cada ângulo requer um aprofundamento. A televisão precisa ser integrada na perspectiva de tornar o seu consumidor num telespectador crítico e não condená-lo a um recipiente de informações. Estamos tão acostumados com a companhia da televisão que se passarmos diante de uma que estiver desligada nos causa estranhamento.

Atualmente, o fato de desejar visibilidade pública tem tido um custo muito alto. Como uma epidemia mais pessoas querem “se mostrar”, querem ser vistas e até mesmo copiadas. Por que será que isto acontece?

Associa-se a aparição midiática ao modelo ideal de indivíduo, ao sujeito com uma enorme conta bancária ou até mesmo uma pessoa extremamente feliz e sem problemas.

Discutir a presença da televisão em nossas vidas significa repensar nossas escolhas. Já que muitas delas são construídas a partir daquilo que vemos neste aparato midiático tão detentor de “saberes”. Para Silveira (1998)

Da televisão se quer, ao mesmo tempo, a socialização do conhecimento, a perfeição técnica, a democratização da informação política, estética, científica, econômica e o compromisso com a verdade. Ela, enquanto isso, está subordinada à lógica do mercado e à ideologia das classes dominantes, num país periférico. É esse o tecido em que estamos imersos, nos constituindo. (p.155).

Será que temos noção da proporção da intimidade que a televisão tem em nossas vidas? Acordamos, fazemos refeições, acertamos decisões e até dormimos em sua companhia. E não adianta apresentarmos a desculpa de que ela entra em nossas vidas “sem pedir licença”. Mesmo porque somos nós que a colocamos para funcionar e caso, chegarmos a um lugar onde a TV já estiver ligada, temos autonomia para desligá-la ou ignorá-la. Mas por que não o fazemos? Para não nos sentirmos sozinhos! A televisão preenche o vazio social e é utilizada pela maioria das pessoas como uma fuga para as dificuldades do cotidiano. Ela faz companhia, não faz perguntas e nem te questiona.

A televisão está em toda a parte atraindo milhões de pessoas, afetando atitudes e valores e faz parte das ideias de Schwartz (1985) compará-la a Deus. Escreveu ele

Deus é um espírito onisciente e todo poderoso que está dentro e fora de nós. Deus está sempre conosco porque é onipresente. É um mistério, e não poderemos nunca entendê-lo. Em termos gerais esta é a descrição de Deus do modo que nossos pais a aprenderam, mas esta descrição aplica-se também à mídia eletrônica: “um segundo deus”, criado pelo homem. (p. 19).

A citação acima nos permite refletir sobre as preocupações que as pessoas tem em criticar a mídia. Reclamam da demora nas propagandas, da repetição dos programas, solicitam a diminuição da violência na televisão, mas esquecem do principal: o exercício do seu papel de sujeito formador de opiniões. A televisão vai continuar lá porque tem público anestesiado para dar continuidade aos programas com conteúdos empobrecidos, mas cada um que superou a ignorância frente à televisão poderia discursar a respeito. Não para mudar a opinião dos outros, mas pelo menos fazer com que eles construam as próprias, pois a televisão não precisa adaptar-se ao gosto popular e sim permanecer no poder. Como afirma Eco (2006)

A TV, portanto, sabe que pode determinar os gostos do público sem necessidade de adequar-se supinamente a ele. Em regime de livre concorrência, ela se adéqua, sim, a uma lei da oferta e da procura, mas não em relação ao público, e sim aos comitentes: educa o público segundo os intentos dos comitentes. Em regime de monopólio, adéqua-se à lei da oferta e da procura face ao partido no poder. (p. 348).

1.2 A televisão como entretenimento

Trabalhar com a ideia de que a televisão é entretenimento, ou seja, sua função é distrair as pessoas, nos remete a pensar que o telespectador quer aprender, se informar, sentir emoções, formar conceitos e valores, mas não quer se sentir responsável por isso. Usa a televisão como opção de lazer e acredita ser imune ao que está assistindo. Como se tivesse o poder de “filtrar” as informações, de separá-las em pertinentes ou não ao seu papel social atual. Concordo com Sodré (1999, p. 78) que diz que “o sistema da televisão, com a cultura massificadora que impõe, consegue sincretizar coisas tão diversas como o real e o imaginário, homogeneizando-os”. É comum observarmos pessoas fazendo o possível para ficar dentro dos padrões estabelecidos pela mídia, tanto em questões estéticas quanto na ascensão profissional. Não que a beleza e a carreira não sejam importantes, mas dentro de possibilidades coerentes. Uma pessoa com baixa estatura não se enquadra no perfil de uma modelo de passarela, pois esta área busca pessoas altas, mas não quer dizer que ela não possa ser modelo. É importante buscar outro foco, como o de modelo fotográfico, por exemplo; ou ainda, pessoas sem formação em medicina, querer exercer a profissão de médico por considerar que tem o dom de curar as pessoas.

A mídia, constantemente, injeta conceitos e valores aos telespectadores, que não tem o hábito de questionar ou refletir sobre os mesmos. A preocupação da televisão não é atender ao indivíduo, mas ao grande público. Para isto recorre a programas que retratem a realidade da maioria. Temas como violência, desemprego, adultério e serviços precários, como saúde, educação e transportes, são recorrentes em telejornais, novelas e programas considerados “popularescos” porque as pessoas se identificam, pois conseguem vincular o seu cotidiano ao conteúdo televisivo. Acreditam que devem se contentar com a situação em que vivem porque a televisão mostra como é possível e corriqueiro tais condições de vida. Saber filtrar os conteúdos apresentados nas programações da televisão possibilita ao

telespectador uma eficácia no uso deste meio de comunicação, tanto como entretenimento quanto veículo de informações. Mas como filtrar? O fato de termos permissão para trocar de canal nos impede de presenciar péssimos conteúdos? O que fazer? Ressalta Ferrés (1996)

O controle remoto, símbolo do poder e da liberdade absoluta, pode vir a ser o instrumento da própria aniquilação como pessoa. A paciência e a capacidade de assumir os seus próprios limites são fundamentais para o conhecimento e o crescimento pessoais. Querer estar, graças ao zapping (troca de canal durante a emissão), em todos os lugares ao mesmo tempo significa não estar em lugar algum. Pretender ver tudo significa não ver nada. Querer saber tudo leva a não saber nada. (p. 25).

A todo instante somos bombardeados com informações que acontecem em todo mundo. Questões, muitas das vezes, as quais nem temos sequer algum esclarecimento prévio. São notícias apresentadas em caráter informativo e não esclarecedor. Não podemos ignorar tais informações, mas também não podemos aceitar todas sem sequer repensar, refletir sobre elas. O volume de informações é tão grande que não conseguimos absorvê-las, quanto mais discerni-las, mas o esforço para tal atitude é válido. Para isto, é necessário estar atento. Olhar com cuidado, desde o detalhe ao todo. Esta tarefa não é fácil, pois a impressão que se tem é que a cada dia que passa contabilizamos mais afazeres e menos tempo e é se apoderando dos nossos descuidos que a televisão abre espaço e consegue ditar padrões, manipular situações e dificultar nosso raciocínio e discernimento. Neste momento percebermos o quanto é desanimador não podermos “mudar de canal” no dia-a-dia de nossas vidas.

1.3 A televisão como a inversão do Panóptico

Jérémy Bentham (1748-1792) um jurista inglês que, em 1791, elaborou o Panóptico defendia que os cuidados com a educação de um homem estavam também nos cuidados de todas as suas ações e, portanto era necessário colocá-lo numa posição de permanente influência às ideias desejáveis a sua formação.

Foucault (1987) nos traz a descrição arquitetônica do Panóptico de Bentham descrevendo

Na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas tem duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. (p. 165).

Pensar na televisão como poder disciplinador e articular este pensamento com a possibilidade de considerar a televisão como a inversão do panóptico, traz um modelo de organização social baseado na comunicação midiática, onde a imagem ocupa lugar de destaque na interação entre as pessoas, ou seja, fazemos da televisão a nossa própria prisão. Como nos afirma Sodré (2001)

Não é o guarda, no centro, olhando para os prisioneiros. É o contrário. Sou eu que fico olhando para alguém. O controla do é quem olha. O panóptico aí se inverte. Eu estava na verdade movido pela idéia de Foucault, o panóptico disciplinar. Mas aplicando isso à televisão, damos conta da inversão.
(p. 28)

Comparar a televisão à inversão do panóptico significa colocar, no telespectador, a função do vigia, aquele que acompanha “tudo” que acontece no mundo através da tela sem ser “visto” por ela. Ele acredita estar no comando, mas é a televisão que detém o poder de controle. Como nos acrescenta Sodré (1990)

Se já se podia caracterizar como mais ou menos divino o poder de “ver tudo que se passa” do sistema panóptico, a técnica televisiva é realmente mágica por multiplicar infinitamente o poder de ubiquidade do espectador, agora confrontado a uma (tele) realidade simultânea, instantânea e global.
(p. 31).

A lógica do Panóptico assegura a disciplina do sistema e atribuindo à televisão o papel de um panóptico invertido, significa afirmar que ela aprisiona a subjetividade das pessoas tornando-os carcereiros de suas próprias vontades.

2 Capítulo II: Análise de Discurso: diálogos necessários

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2005, p. 15).

Afirmar que o discurso é a palavra em movimento significa considerá-lo como resultado de uma construção social. Para analisá-lo é necessário compreender suas condições de produção e a visão de seus autores sociais. Além de o discurso abranger a linguagem, a história e a ideologia, ele se move em direção a outros discursos. Nunca está sozinho, sempre está atravessado por vozes que o antecederam e que mantêm com ele constantes duelos, ora o legitimando, ora o confrontando. Analisar o discurso é analisar a fala em contexto, pois o homem não é autor do seu discurso, mas coautor porque sofre interferências na sua relação com os sentidos de discurso anteriores

O sujeito não é considerado como um ser individual, que produz discursos com liberdade: ele tem a ilusão de ser o dono de seu discurso, mas é apenas um efeito do ajustamento ideológico. O discurso é construído sobre um inasserido, um pré-construído (um já-lá), que remete ao que todos sabem, aos conteúdos já colocados para o sujeito universal, aos conteúdos estabelecidos para a memória discursiva. (GREGOLIN, 2003, p.27)

O discurso é a interação entre as pessoas, pois precisa de pelo menos duas para existir. É nele que estas pessoas agem e atuam sobre as outras.

O discurso está sempre voltado para a resposta que ainda não foi dita, mas que é provocada constantemente. Ele é dialógico porque trabalha com a diversidade de representações existentes nas relações sociais, onde uma palavra tem inúmeros significados para inúmeros contextos. Uma palavra, dependendo do contexto em que for enunciada e dos sentidos atribuídos pelo sujeito, pode representar inúmeros significados. E é neste processo que ocorre a construção do sujeito, dos seus valores, da sua ideologia, da sua cultura, das suas práticas sociais...

Para a Análise do Discurso (AD), o sujeito que produz o discurso é marcado pela historicidade, é um sujeito ideológico, um sujeito que dialoga e que se constitui na relação com o outro e traz um discurso intencional, pois o organiza de acordo com suas conveniências. É necessário afirmar que para entender o cotidiano dos

indivíduos devemos considerar os mais diversos significados e interpretações acerca dos mesmos e da realidade social a qual está inserido.

Portanto, a Análise do Discurso tem como objetivo compreender este sujeito por meio da materialidade de sua linguagem e é através desta compreensão que perceberemos como as relações de poder estão significadas, estão simbolizadas. A Análise do Discurso busca estas condições que permitem o aparecimento do discurso na reconstrução das falas que criam uma vontade de verdade. É neste jogo de palavras que a verdade é construída e se torna objeto de poder.

Para entender o processo da Análise do Discurso é fundamental a compreensão dos seus elementos básicos: a linguagem, a ideologia, o sujeito polifônico, a enunciação, a interdiscursividade (memória discursiva) e o sentido.

2.1 A Linguagem

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. [...] Como elemento de mediação necessária entre homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são históricos-sociais.
(BRANDÃO, 2009, p. 11)

A linguagem é uma grande ferramenta de poder. Ela não é indefinida, nem vaga e nem indeterminada, mas um constante processo de interação mediada pelo diálogo onde busca o foco, o alvo que quer atingir. É estudada no contexto social porque nele está todo seu processo constituinte. É um lugar de conflitos porque assume subjetivas representações dependendo dos cenários e das ideologias. A linguagem não é só a língua, mas a língua num contexto sócio-histórico-cultural. E “essa instância da linguagem é a do discurso.” (BRANDÃO, 2009, p. 11).

A palavra, numa perspectiva discursiva, não é vaga. Ela traz um sentido ideológico pertinente ao contexto de quem fala e de quem ouve. É a palavra que revela os espaços aos quais as pessoas se expressam e se confrontam. Neste sentido

[...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.
(BAKHTIN, 2002, p. 41)

A linguagem organiza as experiências e os significados interpessoais, possibilitando ao indivíduo reflexões contínuas sobre seu posicionamento perante as situações cotidianas. Ao se manifestar através da linguagem, o sujeito consegue dialogar consigo mesmo através do seu falar/escutar. E

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é a contribuição da AD, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos, ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem. (ORLANDI, 2002, p.09).

2.2 A ideologia

Marx descobriu que temos a ilusão de estarmos pensando e agindo com nossa própria cabeça e por nossa própria vontade, racional e livremente, de acordo com nosso entendimento e nossa liberdade, porque desconhecemos um poder invisível que nos força a pensar como pensamos e agir como agimos. A esse poder - que é social - ele deu o nome de ideologia. (CHAUÍ, 2000, p. 63)

Pensar em ideologia significa pensar em um ponto de vista. Aquele capaz de impulsionar o indivíduo a tomar decisões. Parafraseando a letra da música de Cazuza (1988) que traz a necessidade de uma ideologia para se viver, fica o convite para a reflexão do que vem a ser ideologia. Sabe-se que a ideologia se manifesta através do discurso e que é através dele que o indivíduo releva seus registros pessoais construídos na sua interação com o meio. Mas e a ideologia?

Para Marx e Engels

As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual. (...) Na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda a sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de idéias; que regulem a produção e distribuição de idéias de seu tempo e que suas idéias sejam, por isso mesmo, as idéias dominantes da época. (MARX & ENGELS apud BRANDÃO, 2009).

Seguindo deste pressuposto, a ideologia acaba por ocultar e dissimular as divisões sociais. Compartilhando com CHAUÍ (2000) que o discurso ideológico

trabalha com a inversão da realidade, com o imaginário social e com o silêncio, é possível compreender os diferentes caminhos percorridos pela ideologia no contexto histórico-social e sua dinâmica.

No primeiro momento, a ideologia “opera com o inconsciente: este fabrica imagens e sintomas; aquela fabrica idéias e falsas causalidades” (CHAUÍ, 2000, p. 221), ou seja, acreditamos em “verdades fabricadas” pelas idéias dominantes, onde divulgam, por exemplo, que as crianças precisam de disciplina para não se tornarem jovens e adultos marginalizados, mas o contexto histórico nos mostra que o que realmente se quer são pessoas manipuláveis, acomodadas. “Uma vez implantada uma ideologia, passamos a tomar os efeitos pelas causas” (CHAUÍ, 2000, p.222).

No segundo momento, a ideologia trabalha com a produção do imaginário social. Isto quer dizer que nossas ações, nossos comportamentos e nossas ideias nos parecem naturais porque condizem com a realidade social, pois cotidianamente, aprendemos, em nossos meios sociais (família, escola, mídia...) o que “devemos” e “podemos” fazer. Geralmente, somos induzidos pelas práticas sociais e não nos conscientizamos disso. Para este fato,

A ideologia assegura, a todos, modos de entender a realidade e de se comportar nela ou diante dela, eliminando dúvidas, ansiedades, angústias, admirações, ocultando as contradições da vida social, bem como as contradições entre esta e as idéias que supostamente a explicam e controlam.
(CHAUÍ,2000, p.222).

O terceiro momento traz a ideologia presente no silêncio. No intuito de ser coerente, a ideologia precisa agir no silêncio porque se fortalece em não dar respostas a situações “já definidas”. Por exemplo, em nossa sociedade, geralmente o homem deixa a responsabilidade de cuidar da casa com a mulher “em troca” do sustento da família, mas quando a mulher também trabalha fora de casa, o argumento anterior é silenciado, ou seja, a ideologia machista não admite a inversão de papéis dentro de uma casa e para não perder sua força não dá abertura para os questionamentos da mulher.

Portanto, está na ideologia a condição para a produção do dizer porque é através dela que temos sujeitos constituintes.

O sistema da *língua* é o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para o que dispõe de um conhecimento dado e para o que não dispõe. Isso não resulta que eles terão o mesmo *discurso*: a língua aparece como a base comum de processos discursivos diferenciados.
(PÉCHEUX apud BRANDÃO, 2009).

2.3 O Sujeito polifônico

Assujeitamento ideológico consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é o senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar, a identificar-se ideologicamente com grupos ou classes de uma determinada formação social” (BRANDÃO, 2009, p. 105)

“Se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na História. Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante. Não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua.” (ORLANDI, 2002, p. 66). Concordando com Orlandi (2002) e concentrando o foco na subjetivação do indivíduo pelo contexto sócio-histórico de produção de linguagens é possível perceber que o sujeito se constitui por várias vozes sociais a partir de suas relações sócio-ideológicas. Portanto, não é estático, mas mutante, ou seja, ao sofrer as interferências do meio ao qual está inserido, constrói e desconstrói conceitos.

Com a Análise do Discurso é possível entender e compreender o sujeito em sua totalidade e complexidade, respeitando seu processo histórico-social.

2.4 A enunciação

A enunciação é a ação ininterrupta da linguagem num processo comunicativo, onde os signos sofrem mudanças interpretativas dependendo da situação, do contexto. “A enunciação se dá num aqui e agora, jamais se repetindo. Ela se marca pela singularidade” (BRANDÃO, 2009, p. 106). Ela é única, pois, em um único lugar, reúne um tempo, um destinatário e um enunciador.

Os enunciados mudam de acordo com as condições de produção. Portanto, é fundamental ressaltar a importância de se considerar de onde o sujeito do discurso enuncia, a função daquela enunciação e em que condições o discurso foi concebido. Neste processo, a construção do sujeito se dá por outros sujeitos através dos enunciados, onde a instância da subjetividade enunciativa ocupa um lugar que constitui e assujeita o indivíduo. Concordo com Brandão (2009) que

Essa visão da linguagem como interação social, em que o *Outro* desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o lingüístico e o social. O percurso que o indivíduo faz da elaboração mental do conteúdo, a ser expresso à objetivação externa – a enunciação – desse conteúdo, é orientado socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato da fala e, sobretudo, a interlocutores concretos. (p. 8).

A enunciação é o lugar onde se instala a interação entre os sujeitos, tanto os que enunciam, quanto os que apreendem o que é enunciado. Neste contexto, o enunciador e o enunciatário, em suas ações, protagonizam o discurso enquanto prática social.

2.5 A interdiscursividade (Memória discursiva)

Para Brandão (2009, p. 107) a interdiscursividade está na “relação de um discurso com outros discursos”. Este fato acontece de forma natural, independente da consciência ou não de quem está falando. Isto ocorre porque a memória discursiva permite infinitas formulações a partir dos registros feitos num processo de condicionamento de sentidos. Processo este capaz de trazer significados construídos dentro de um contexto histórico e que novamente é chamado para (re) significar de acordo com os acontecimentos atuais. Em outras palavras: numa perspectiva discursiva, o movimento feito pelo encontro do interdiscurso com o acontecimento presente, colabora para o assujeitamento do indivíduo, já que pressupõe a existência de pré – conceitos.

É no momento da enunciação que os sentidos se atualizam e se renovam através da memória discursiva.

2.6 O sentido

Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam. (FERNANDES, 2005, p. 22).

Nesta perspectiva de que o discurso se sustenta por outros discursos e aponta para o que vem adiante, encontramos os sentidos, que são produzidos nestas direções, respeitando o contexto e o sujeito neste contexto.

O sentido é produzido no espaço entre o acontecimento atual e a memória discursiva, recortada e atualizada, considerando os efeitos identitários de quem o produz. Ele não é dado a priori, mas constituído no discurso de acordo com as posições ideológicas dos sujeitos envolvidos. “Concebe-se, assim, o sentido como algo que é produzido historicamente pelo uso e o discurso como efeito de sentido entre locutores posicionados em diferentes perspectivas” (BRANDÃO, 2009, p. 81).

2.7 A Análise do Discurso da televisão

A mídia televisiva apresenta uma prática discursiva que cria um vínculo com seus telespectadores capaz de ditar condutas sociais e identitárias. Ela, numa espécie de magia, atrai a atenção das pessoas que, seduzidas, passam a “se ver” nas personagens. Como nos detalha Barbero (1997)

O espaço da televisão é dominado pela magia do ver. [...] Na televisão, nada de rostos misteriosos ou encantadores demais; os rostos da televisão serão próximos, amigáveis; nem fascinantes, nem vulgares. Proximidade dos personagens e dos acontecimentos: um discurso que familiariza tudo, torna “próximo” até o que houver de mais remoto e assim se faz incapaz de enfrentar os preconceitos mais “familiares”. Um discurso que produz seus efeitos a partir da mesma forma com que organiza as imagens: do jeito que permitir maior transparência, ou seja, em termos de simplicidade, clareza e economia narrativa. (p. 297).

Os efeitos de sentidos construídos a partir do que é apresentado pela televisão como algo a ser padronizado emergem da ligação destas falas e práticas midiáticas e se instauram como “verdades” no cotidiano das pessoas.

Numa tentativa de reproduzir a fala de Foucault, percebemos o número expressivo de pessoas que constroem suas vidas somente com as informações e programas televisivos.

Cada um, em seu lugar, está bem trancado em sua cela de onde é visto de frente pelo vigia; mas os muros laterais impedem que entre em contato com seus companheiros. [...] A multidão, massa compacta, local de múltiplas trocas, individualidades que se fundem, efeito coletivo, é abolida em proveito de uma coleção de individualidades separadas. Do ponto de vista do guardião, é substituída por uma multiplicidade enumerável e controlável; do ponto de vista dos detentos, por uma solidão sequestrada e olhada. (FOUCAULT, 1987, p. 166).

E como nos ressalva Ferrés (1996, p. 58) “Aquele que conseguir controlar a informação terá um grande controle das pessoas”.

A televisão exerce um papel determinante na construção dos valores e atitudes dos cidadãos, tanto aos que a idolatram quanto aos que a repudiam. Isto acontece porque a nossa sociedade está cada vez mais individualista e, geralmente, utiliza a televisão como companhia e/ou fuga das dificuldades cotidianas.

Atualmente, a televisão é o único meio de informação de muitas pessoas e o que ocorre é que, por este motivo, ela recebe toda a confiabilidade das informações, ou seja, tudo o que mostra na televisão é verdade, aconteceu exatamente como foi noticiado. E neste processo de informar (televisão) e receber informação

(telespectador), pessoas constroem conceitos baseadas, apenas, na mídia televisiva.

Resumindo, esta pesquisa nos faz refletir sobre o uso da televisão, apontando que a televisão [pode servir para entreter, des\) informar, \(des\) educar.](#)

3 O programa “Supernanny”: Estudo de caso

Em 2004, quando a inglesa Joanne Frost estreou no comando da primeira temporada do reality show Supernanny, as famílias da Inglaterra passaram a ter, a cada semana, uma importante fonte de aprendizado na difícil tarefa de educar crianças. Graças a esta, considerada, prestação de serviços, hoje o programa produzido com sucesso em mais de 50 países, inclusive o Brasil, se tornou um manual educativo capaz de persuadir um grande número de famílias. Aqui, ele é apresentado pela educadora Cris Poli. E pode-se afirmar que é uma adaptação/cópia [do original inglês](#), pois utiliza as mesmas metodologias, incentivos, disciplinas e chamada de abertura do programa inglês. Exatamente! A logomarca do programa é bastante semelhante, pois só trocam as cores das bandeiras dos países onde são exibidos os mesmos.

É importante destacar aqui o alto índice de críticas aos programas televisivos brasileiros, mas a grande maioria é importada de países desenvolvidos. No Brasil, há quatro anos, desde 1º de abril de 2006, a Supernanny (ou a super babá) está semanalmente, aos sábados às 21 horas, no SBT. A educadora já [“ajudou”](#) mais de 90 famílias diretamente no programa e outras milhares através das técnicas que ensina na televisão.

A constatação de que as dificuldades na hora de educar filhos não são individuais, mas sim de uma grande parcela da sociedade, leva o telespectador a se reconhecer no vídeo. Dentro de uma realidade onde a carga horária de atividades ao longo do dia é extensa e cansativa, pensar na educação dos pequenos parece missão impossível. Isto porque além da demanda em atenção, afeto, cumplicidade, acompanhamentos escolar e médico, lazer e disponibilidade de tempo ainda tem a insegurança em não saber o melhor caminho para uma educação consistente, que consiga transformar seus filhos em pessoas autônomas. Encontrar um programa que prometa “ensinar” todos os procedimentos capazes de dividir com a sociedade, através da exposição de outras famílias no programa, a responsabilidade em educar as crianças permite serenidade aos pais, que passa a não se sentirem sozinhos na tarefa educativa. Pelo contrário, deposita toda sua crença nas metodologias apresentadas no programa. Segundo Ferrés (1996)

O prazer ou desprazer produzido pelos filmes, séries ou qualquer programa de televisão pode ser analisado do ponto de vista do envolvimento emocional do telespectador. Para que um programa o agrade, deve satisfazer suficientemente os seus fantasmas conscientes e inconscientes, de forma a saciar as pulsões e, ao mesmo tempo, é preciso que essa saciedade mantenha-se contida dentro de alguns limites, ou seja, que não ultrapasse o ponto mobilizador das suas angústias ou rejeições.
(p. 43).

Compartilhando desta perspectiva e trabalhando com aspectos pertinentes ao grande público, o programa Supernanny traz a cada episódio o histórico de dificuldades de uma família em disciplinar os filhos. Após a observação do contexto daquela família, Cris Poli (supernanny) apresenta as estratégias que irão facilitar o desempenho dos pais em educar. Geralmente, Cris Poli (Supernanny) encontra casais desestruturados emocionalmente, filhos infantilizados, falta de respeito entre pais e filhos, falta de limites e regras e ausência, não só física, mas afetiva dos responsáveis pela criança, sejam eles o pai, a mãe, a avó...

Para entender a dinâmica do programa é preciso conhecer primeiro os critérios para a seleção da família que, segundo POLI (2006), acontece da seguinte forma:

A família se inscreve no site e passa por uma seleção. Aquela que se enquadra na estrutura do programa é encaminhada para mim, mas antes passa por uma psicóloga para receber uma avaliação, já que há problemas de outras instâncias, como crianças hiperativas. Este é um caso que exige medicação, tratamento médico e não teríamos como ajudar no programa. Eu recebo um relatório e um vídeo da família selecionada e começo a conversar com a produção sobre como ajudar. Daí, vou à casa da família diariamente durante seis dias e observo o dia a dia. Depois de três dias, tenho um tempo com os pais, quando faço um diagnóstico de tudo que vi. No dia seguinte, entro na rotina com métodos, interajo com as crianças e com os pais, dou conselhos, respondo perguntas, explico os métodos e mostro como aplicá-los. Passados os seis dias, vou embora, mas uma câmera continua gravando a família por cinco dias. No final, volto a casa e digo o que conseguiram fazer e os erros que, porventura, tenham cometido.

Disponível em <<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=56>> Acesso em 06/12/10 às 16:13

Antes de chegar às casas destas famílias, Cris Poli observa, dentro de seu carro, através de um aparelho de DVD, cenas das atitudes **tidas como** inaceitáveis dentro de um ambiente familiar. A caminho da residência escolhida, ela começa a fazer seu diagnóstico e a pensar nas possíveis estratégias que possibilitarão as mudanças necessárias para a construção de sujeitos felizes e autônomos.

Ao chegar à casa da família escolhida, nota-se que a postura da Supernanny é um fator que reserva detalhes, inclusive na escolha das roupas. Primeiro, ela se apresenta à família usando trajés **sóbrios ou "sérios"** com o objetivo de transmitir

autoridade. E consegue! As crianças, a princípio, demonstram estranhamento e medo. Mas a função é exatamente esta: causar impacto. Ela atrai a atenção dos envolvidos e se faz perceber naquele lugar caótico, repleto de gritos e impaciência. Depois, quando ela aparece no quadro “Supernanny arregança as mangas”, o figurino é mais descontraído, serve para mostrar à família que o trabalho começou e que a transformação não será fácil, mas satisfatória para todos, adultos, crianças e até animais de estimação, que sofrem com os “experimentos infantis” e com a “negligência” dos mais velhos.

3.1 O porquê de tamanha audiência

Seis pontos percentuais em audiência. Isto significa que muitas pessoas disponibilizam uma hora todos os sábados para assistir ao programa Supernanny. Por quê?

Segundo Ferrés (1996, p. 29) “toda televisão acaba se transformando em mercadoria. Qualquer programa, qualquer série perde rapidamente o seu interesse.” Por isso, observamos que programas denominados “reality show” cuja proposta é a de oferecer ajuda na resolução dos conflitos familiares tornaram-se frequentes na mídia televisiva porque, uma das estratégias para o aumento da audiência, é integrar o indivíduo ao contexto social de forma que o coloque numa posição desfavorável, ou seja, a televisão apresenta e você aceita como verdade absoluta, sem questionamentos.

Pensar como Ferrés (1996, p. 31) que “a televisão é um espetáculo, por um lado, porque seleciona aquela porção da realidade que melhor responde às exigências espetaculares; por outro, porque impõe um tratamento espetacular a qualquer realidade da qual se aproximar” é começar a compreender a dinâmica do programa Supernanny. Transformar o cotidiano conflituoso de uma família em um espetáculo visto por milhares de pessoas dentro de seus próprios lares significa expor nossos medos, angústias, particularidades, privacidades a críticas, muitas das vezes perversas, feitas pelo indivíduo ao seu próprio meio de conduzir suas relações familiares levando-o a se adaptar ao modelo de família exemplar exposto pelo programa.

Um programa televisivo deveria contribuir para uma prática reflexiva independente da área de abrangência e não um modelo formatado, pronto. Mas isto

deveria ficar explícito no decorrer do programa. O que acontece é que o Supernanny se considera um manual. Portanto algo capaz de resolver quaisquer dificuldades, desde que todas as suas formalidades sejam cumpridas.

O programa traz procedimentos considerados válidos, como incentivar a realização de brincadeiras entre pais e filhos, propor aos pais a criação de um horário dedicado só para as crianças e tornar os momentos de reflexão mais assíduos (não só voltado para a família, mas para questões individuais), mas o problema está em querer ser concebido como receituário, sem levar em conta o contexto da relação familiar, as razões conflituosas, a maturidade das crianças ou mesmo as reais motivações que levaram os pais a assistirem ou, até mesmo, a participarem do programa. Os pais possuem um sentimento de impotência tão grande perante o comportamento dos seus filhos que eles "necessitam" de soluções rápidas, infalíveis e perceptíveis e como "fácil veículo de fáceis sugestões, a TV é também encarada como estímulo de uma falsa participação, de um falso sentido do imediato, de um falso sentido da dramaticidade (ECO, 2006, p. 343). Ao ver, em um programa de televisão, pais e filhos em completa harmonia familiar conquistada em poucos dias, a expectativa destes pais-telespectadores em conseguir os mesmos resultados é grande. Eles acreditam neste imediatismo. De certa maneira, se olham, se percebem naquele contexto.

O programa Supernanny ganha mérito de manual televisivo, e como tal tem a finalidade de ensinar aos pais toda a metodologia capaz de educar seus filhos. Sua audiência está na eficácia desta transmissão de medidas mirabolantes que possibilitem crianças dóceis e autônomas. E para explicar aos pais sobre autonomia, POLI (2006, p. 9) diz que "uma pessoa autônoma se realiza na vida, sente-se em melhores condições de se adaptar a qualquer ambiente e tem aquela confiança própria de quem sabe que seu futuro só depende de suas ações." Parece pertinente, mas ao analisarmos os contextos nos quais as atividades propostas por ela e que significam o "treino" para adquirir esta autonomia mostra outro caminho: a heteronomia.

Para **me utilizar do trabalhar com o** conceito de heteronomia se faz necessário participar dos argumentos propostos por Piaget (1932) para entender melhor o desenvolvimento moral da criança. Piaget afirma que este desenvolvimento envolve três fases: A anomia, a heteronomia e a autonomia. Esta última usada frequentemente pela Supernanny em detrimento das anteriores.

As pesquisas de Piaget (1932) para compreender a construção e o desenvolvimento do juízo moral na criança se concentraram no jogo de regras, pois ele acreditava que toda moral consistia num sistema de regras e no respeito atribuído a elas. Como nos explica La Taille (1992)

E isto por três razões, pelo menos. Em primeiro lugar, representam uma atividade interindividual necessariamente regulada por certas normas que, embora geralmente herdadas das gerações anteriores, podem ser modificadas pelos membros de cada grupo de jogadores, fato este que explicita a condição de “legislador” de cada um deles. Em segundo lugar, embora tais normas não tenham em si caráter moral, o respeito a elas devido é, ele sim, moral (e envolve questões de justiça e honestidade). Finalmente, tal respeito provém de *mútuos acordos* entre os jogadores, e não da mera aceitação de normas impostas por autoridades estranhas à comunidade de jogadores.
(p. 49)

La Taille (1992) afirma que para cada sujeito, Piaget (1932) pesquisou a prática e a consciência da regra dentro de um contexto de um jogo coletivo e ainda, que a evolução desta prática e desta consciência da regra pode ser compreendida em nas três fases, já citadas: anomia, heteronomia e a autonomia. E explica:

A primeira delas é a etapa da *anomia*. Crianças de até cinco, seis anos de idade não seguem regras coletivas. Interessam-se, por exemplo, por bolas de gude, mas antes para satisfazerem seus interesses motores ou suas fantasias simbólicas, e não tanto para participarem de uma atividade coletiva.
A segunda etapa é aquela da *heteronomia*. Nota-se, agora, um interesse em participar de atividades coletivas e regradas. [...] Vale dizer que a criança desta fase não concebe tais regras como um contrato firmado entre jogadores, mas sim como algo sagrado e imutável pois imposto pela “tradição”.
A terceira e última etapa é a da *autonomia*. Suas características são justamente opostas às fases de heteronomia, e correspondem à concepção adulta do jogo. [...] o respeito pelas regras é compreendido como decorrente de mútuos acordos entre os jogadores, cada um concebendo a si próprio com possível “legislador”, ou seja, criador de novas regras que serão submetidas à apreciação e aceitação dos outros.
(p.49-50)

Afirmar que uma criança, desde cedo, precisa de rotina, limites, regras, disciplina e diálogo como as etapas a serem seguidas para se tornarem pessoas autônomas só é benéfico se houver a participação efetiva da própria criança na construção e realização das mesmas, pois a criança necessita compreender os processos de ensino-aprendizagem, ou seja, o porquê de determinada regra ou rotina e sua aplicabilidade. O fato da criança “cumprir” uma regra não significa que ela compreendeu a dinâmica do ocorrido.

A construção dos valores morais é feita da interação do indivíduo com os diversos meios sociais e de forma gradativa. Para isto precisa-se de tempo. Tempo para a organização e adaptação deste sujeito a estas interações.

3.2 Invasão de Privacidade – O uso da câmera

Constantemente a mídia televisiva apropria-se da exposição de nossas particularidades como recurso para o aumento da audiência. Isto porque a privacidade alheia desperta a curiosidade da maioria das pessoas. Saber o que o outro faz, o que ele come, como acorda ou até mesmo, como educa seus filhos, tem acelerado o crescimento do mercado publicitário, que cada vez mais investe na invasão de privacidade como forma de entreter seu público.

Aquilo que se faz habitualmente todos os dias, ou seja, o cotidiano, parece ser um assunto sem graça, monótono, chato. Se tiver problemas com as crianças então... Mas para transformar o Supernanny em um programa com notória audiência são necessários ingredientes capazes de surpreender o público. Formato diferenciado, estímulos visuais e sonoros, jogos, brincadeiras, momentos para reflexão fazem parte deste cenário, cujo objetivo é fazer as pessoas se divertirem com “sua” própria vida, se observando nas personagens apresentadas em cada episódio, que muda de família, de endereço, mas que aborda as mesmas dificuldades: mau comportamento das crianças, crises conjugais, indisciplina, falta de autoridade dos responsáveis pela casa...

Em cada residência, Cris Poli (Supernanny) leva sua equipe e, claro, sua câmera. Aliás, é ela que registrará todos os conflitos durante uma semana. Ela entra como uma “convidada”, pois tem a permissão dos pais e irá legitimar todos os acontecimentos. A câmera não causa estranhamento, nem para a família “atendida” pela Cris Poli e nem para o telespectador, até porque este tipo de exposição já é conhecida há algum tempo, pela própria televisão e pelos mais variados comércios. Quem nunca leu o lembrete “Sorria, você está sendo filmado?”

3.3 Análise dos discursos da Supernanny (Cris Poli)

Tornar o discurso como foco de análise no Programa Supernanny é buscar compreender a produção social realizada por sujeitos históricos e sua dinâmica.

Analisar o discurso televisivo significa desvendar elementos que estão além do que parece óbvio ao telespectador. Compreender a diversidade de estratégias apresentadas pelo Programa Supernanny como modelos de práticas cotidianas eficazes para a harmonia familiar requer observações minuciosas sobre o que está

por trás daquelas regras, dinâmicas e conselhos. Os apelos visuais e orais apresentados com a ajuda da sofisticação tecnológica também colaboram para a credibilidade do que está sendo veiculado, fazendo parecer que tudo se transformará, para melhor, instantaneamente e num curto espaço de tempo. Portanto, esta análise requer a busca por detalhes e sentidos que envolvem tal discurso e suas pertinências dentro de um contexto, neste caso, familiar.

Analisar as formas de subjetivação impostas pelo programa implica compreender a estrutura familiar dos envolvidos no programa e as relações de poder estabelecidas entre eles. Na maioria dos casos, o poder tem relações bilaterais: filhos-pais, pais-supernanny, supernanny-pais e pais-filhos. Apesar de não haver o “dono” do poder, ele é sempre exercido num determinado sentido, porque não se possui o poder, mas se exerce.

Um fato relevante para compreender a questão de sujeito e assujeitamento dentro de uma perspectiva discursiva está na posição a qual se insere a educadora e apresentadora do programa “Supernanny”, Cris Poli. Em sua bagagem está o seu diploma de pedagoga, a apresentação de um programa em horário nobre da televisão, os seus livros publicados voltados para a área de educação, suas entrevistas e palestras focadas nos relacionamentos familiares... Tudo isto agrega poder e autoridade intelectual e transmite credibilidade aos telespectadores, que buscam conforto e soluções instantâneas para seus problemas domésticos.

Com discursos trabalhados para atingir os objetivos dos pais, Cris Poli assume o posto de detentora do saber e para isto conta com a permissão dos mesmos. Ela acaba por produzir um modelo de sujeito capaz de obedecer e vigiar a si mesmo. Neste contexto entra a Análise de Discurso, objetivando a percepção acerca das estratégias utilizadas pela Supernanny, pois as mesmas estão “camufladas” dentro do formato do programa. Como nos diz Orlandi (2005, p. 18) que “a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa?”

Com a pretensão de entender estes significados inerentes ao discurso do programa será necessária uma pesquisa científica que “exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância” (GOLDENBERG, 2009, p.13).

A hora do confronto

[...] na TV, intermitentemente, confessa-se erros, desejos, mínimos detalhes de nossa sexualidade. Da mesma forma é nesse lugar que somos convidados a expor nossas culpas, a recebermos dos apresentadores ou dos locutores verdadeiras “lições de moral”, exemplos de vida, da reflexão sobre o vivido, da auto-avaliação, da auto-decifração, da auto-transformação.
(FISCHER, 2002, p.155).

Nesta fase do programa, os pais são chamados para o diálogo. Diálogo este que mais parece monólogo, pois a Supernanny lidera a conversa na maior parte do tempo. A partir das lamúrias da família, a apresentadora propõe o uso das suas metodologias com o intuito de solucionar todos os problemas enfrentados até então. E não são poucos! Aqui, mais uma vez, o programa traz de forma enquadrada e rígida uma relação de poder. Neste caso, a apresentadora determina que todos os seus métodos sejam aplicados para obterem os resultados positivos na educação das crianças. Os pais “aprendem” que tem que mostrar autoridade perante os filhos, senão não existirá harmonia dentro de uma casa. Não pode haver inversão de papéis no exercício do poder. Os adultos mandam e as crianças obedecem. O diálogo existe, mas não pela disputa do poder, mas para estabelecer regras, limites, horários...

A acareação é um momento constrangedor porque os pais sabem que erram (como todo mundo, diga-se de passagem) e, às vezes, onde erram, mas apontar os erros não é uma tarefa fácil, mesmo porque quem faz esse papel é uma terceira pessoa, a Cris Poli. Pessoa esta que acabou de chegar. Aceitar as críticas feitas por ela é difícil, mas debatê-las é ainda mais. Como os pais poderiam argumentar com uma educadora e apresentadora de televisão? Aquela “detentora de saberes”? Acredita-se que se ela ocupa aquele lugar de destaque dentro de uma emissora televisiva é porque seu saber é verdadeiro, indiscutível. Como argumentar? Quais as metodologias e argumentos que os pais irão apresentar?

Hoje, os pais procuram equilibrar o que aprenderam enquanto filhos e o que querem ensinar enquanto pais. Mas com a dificuldade de organizar os compromissos cotidianos, muitos deles terceirizam a educação dos pequenos e encontram-se perdidos com as mais diversas reações e atitudes das crianças. Com as inúmeras formas de educar e na constante busca de encontrar a tão sonhada “receita de filho perfeito”, muitos pais depositam sua credibilidade em alguém que,

preferencialmente, está na mídia. Isto porque a televisão é conhecida, dentre outras designações, como a transmissora de “verdades absolutas” e, portanto, sem questionamentos. A televisão passa a ser o espelho. Como diz Ferrés (1996)

A televisão é espelho porque projeta para o espectador uma imagem idealizada de si mesmo e do mundo. Para ser comercialmente eficiente, a televisão oferece aquilo que o espectador quer ver e ouvir, tanto consciente como inconscientemente, até o ponto em que, de alguma forma, este não faz outra coisa que se alimentar com sua própria imagem.
(p. 44).

É difícil não comparar a televisão com os pais, pois atualmente, é ela que está recebendo a responsabilidade pela educação dos pequenos, que faz companhia desde a hora em que acordam até a hora em que adormecem. Faz com que as crianças acreditem em tudo que lhe é transmitido. Se os pais, adultos e pessoas referências para os filhos, assistem e acreditam na televisão por que os filhos iriam fazer diferente?

A rotina

A elaboração da rotina tem a finalidade de organizar o dia-a-dia de toda a família proporcionando aos pais e filhos a realização de atividades que necessitam. Situações simples, como hora de acordar, hora de tomar banho e hora das brincadeiras entre pais e filhos são alguns exemplos.

Estabelecer uma rotina que permita o bom desempenho de todos dentro das relações familiares é importante desde que ela seja flexível. Porém, isto não ocorre no programa, pois é a Cris Poli (Supernanny) que estabelece a rotina através da observação das atividades/dificuldades da família. O fato da elaboração da rotina não ser feita pelos moradores da casa dificulta o seu cumprimento porque acabam se sentindo pressionados com a rigidez em que tudo deve acontecer.

A princípio, os pais demonstram satisfação ao olhar na parede um enorme papel contendo horários e atividades pré-estabelecidas. Agem como se, a partir daquele instante, tudo irá funcionar “perfeitamente” porque está documentado e compreendido por todos, inclusive pelas crianças.

De acordo com a proposta do programa, o cumprimento de uma rotina possibilita o desenvolvimento da autonomia das crianças que, desde cedo, aprenderão a tomar decisões. Porém, a rotina feita sem a participação das crianças

concretiza o fato de que as mesmas cumprem o papel de obedecer, o que não faz parte do processo rumo à autonomia e sim à heteronomia. Como ressalta Kamii (1993, p.103) “autonomia significa ser governado por si próprio. É o contrário de heteronomia, que significa ser governado por outrem.”

As punições

Tendemos a ser práticos e objetivos e esperamos o mesmo de um programa de autoajuda, mas isto não acontece. Concordo com Ferrés (1996, p. 48) que “toda a informação é discurso, opinião. Por mais objetiva que possa parecer, ela envolve ideologia e produz ideologia.” Partindo deste pensamento se faz necessário refletir sobre o que os pais estão compartilhando com seus filhos.

Compartilhar valores é fundamental para a estrutura familiar, pois é através deste compartilhar que o indivíduo se sente pertencente ao seu grupo de origem. Inclusive é neste momento de auto-conhecimento que a criança se prepara para se tornar autônoma. São as experiências dela na interação com o meio que contribuirão para que isso aconteça. Porém, a falta de compreensão dos pais em entender o que é ter autonomia dificulta o processo. Eles acreditam que deixar os filhos fazerem tudo o que quiserem, na hora que quiserem e da maneira que quiserem e com total liberdade é estar facilitando o percurso para a autonomia das crianças. Mas se as crianças podem tudo, como reprimir o mau comportamento? Como explicar para a criança que, dentro de casa, pode rabiscar as paredes, mas nas outras casas não?

Em primeiro lugar, os pais não devem menosprezar o entendimento de seus filhos, desde que respeitando a sua faixa etária. Conversar com a criança e tentar explicar a situação momentânea promove a escuta para a compreensão dos fatos. Ela poderá não entender a priori, mas nas próximas vezes não causará tanto estranhamento este tipo de conversa.

Em segundo lugar, o posicionamento do adulto deve ser o de trazer a criança para o contexto ao qual a mesma está inserida, pois abrirá um leque de possibilidades para a sua formação moral, confirmando o pensamento de KAMII (1993, p. 108) que ressalta “a autonomia significa levar em consideração os fatos relevantes para decidir agir da melhor forma para todos”.

Em terceiro lugar, mas não em último, pois na tarefa de educar somos aprendizes, cito a reflexão. Parece óbvio mencionar que para educar é preciso

refletir sobre as atitudes, os conceitos, as contradições, mas este procedimento tem feito bastante falta, principalmente entre os adultos. Exigir reflexão à criança é precoce. É fundamental que explique a sua necessidade, mas impor é complexo. As estratégias para tal imposição foram construídas e são apresentadas no programa. Cada uma com seu respectivo nome...

O cantinho da disciplina

Segundo a explicação da própria educadora e apresentadora do programa, Cris Poli, o Cantinho da disciplina

Pode ser um banquinho, um pufe, um tapetinho, um canto mesmo - só não é o quarto, porque quarto é para dormir. Quando a criança desobedece, a mãe deve chamá-la, olhá-la nos olhos e dizer: "Você quebrou essa regra e não pode. Se quebrar de novo, vai para o cantinho". Caso ela repita o erro, a mãe a leva até lá e a deixa ali durante um minuto para cada ano de idade, convidando-a a refletir sobre o que fez. E não fica perto. Se a criança sair do lugar, chorar, é preciso levá-la de volta. Se saiu 50 vezes, 50 vezes você faz isso. Não fica conversando, porque já explicou antes o motivo de ela estar ali. A partir do momento em que a criança pára, você começa a contar os minutos. Quando acabar, volta e pergunta: Você sabe por que está aqui? Então, peça desculpas! Ah, se a mãe vê que é de coração, dá um beijo, um abraço e libera para brincar. É importantíssimo não perder o controle, não ficar brava, não se irritar, porque você está educando. (Revista Claudia. 2010)
Disponível em < <http://claudia.abril.com.br/materias/2141>> Acesso em 07/07/10 à 23:18. Isso vai para a Bibliografia

Utilizar este tipo de metodologia para “ensinar” a criança a refletir sobre o que ela fez é um equívoco. “Limites mecânicos de tempo servem apenas como punição e as crianças que cumpriram o tempo previsto muitas vezes sentem-se perfeitamente livres para cometer a mesma falta outra vez” (KAMII, 1993, p. 110), pois o principal objetivo da reflexão não foi atingido que é a análise do acontecimento. O tempo em que a criança “perdeu” chorando, gritando e tentando sair do “cantinho da disciplina” impossibilitou o propósito da reflexão.

O método do incentivo

Uma opção é registrar num quadro às vezes em que a criança cumpriu as regras. Todo fim de dia, os pais sentam com os filhos e avaliam o comportamento. Se cumpriram o combinado, ganham estrelinhas no quadro, por exemplo. No fim de semana, conforme o que alcançaram, eles têm um prêmio: uma saída em família, um momento de lazer diferente. Não recomendamos presentes para não ficar a ideia de ter “comprado” a criança.
(POLI, Disponível em <<http://claudia.abril.com.br/materias/2141>> Acesso em 20/08/2010 às 18:26

Segundo o dicionário incentivar é estimular, ou seja, animar, encorajar, impulsionar e não prometer, obrigar, ou ordenar. Dizer à criança que se ela tomar banho todos os dias ela irá ganhar estrelinhas ou um passeio no final de semana como recompensa, por exemplo, impossibilita uma real compreensão da importância e necessidade de um banho. Menosprezar o grau de entendimento da criança dificulta e restringe sua aprendizagem através das experiências dos seus erros, dos seus conflitos e dos seus êxitos. Permitir atitudes exploratórias desenvolve a criatividade, a expressividade e a autonomia da criança. Porém, a insegurança dos pais em proporcionar uma educação que traz como base a experimentação do mundo por seu filho está contribuindo para o aumento de uma postura autoritária e, não de autoridade, acreditando ser a mais eficiente. E a Cris Poli (supernanny) que critica a pessoa autoritária, dizendo que os pais tem que ser autoridades, aparece com o seguinte pensamento contraditório “cada caso é um caso, porém procuro sempre pregar a disciplina. A criança precisa receber regras claras e objetivas, que premiam a boa conduta e disciplinam a má, sem gritos nem agressões; apenas fazendo com que as regras sejam respeitadas.” (POLI, 2006, p. 127).

Os pais estimulam a heteronomia das crianças através do uso de recompensas e castigos. No caso da recompensa, reforçam para os seus filhos a ideia de que na vida tudo acontece na base da troca, ou seja, você só ganha algo se realizar alguma coisa, se merecer. As crianças não compreendem a real necessidade na realização de determinada tarefa, mas a executam esperando o “prêmio”. Já o castigo é a punição e esta, segundo KAMII (1993), tem três tipos de conseqüências possíveis

A mais comum é o cálculo de riscos. A criança que for punida repetirá o mesmo ato, mas, da próxima vez, tentará evitar de ser descoberta (...) A segunda é a conformidade cega. Algumas crianças sensíveis tornam-se totalmente conformistas porque a conformidade lhes garante segurança e respeitabilidade. Quando se tornam completamente conformistas, as crianças não precisam mais tomar decisões, tudo o que devem fazer é obedecer. A terceira conseqüência possível é a revolta. Algumas crianças comportam-se muito bem durante anos, mas decidem, num determinado momento, que estão cansadas de satisfazer a seus pais e professores todo o tempo e que chegou a hora de começar a viver por si próprios.
(p. 107).

Tanto as recompensas quanto os castigos contribuem para a heteronomia, já que a criança obedece aos comandos externos, os pais, e não internos, os próprios. Os pais como educadores, devem trocar opiniões com seus filhos para que eles

possam desenvolver a autonomia a partir das próprias conclusões acerca dos fatos e não receberem respostas e constatações prontas, construídas por outras pessoas. Para isto é importante fazer uso das situações cotidianas por se tratar da realidade vivenciada pelos pequenos.

As Regras

É necessário estabelecer regras para a obtenção de uma harmonia na convivência social, mas o porquê de as seguirmos requer compreensão das mesmas. Para as crianças é ainda mais difícil, pois não compreendem suas origens e suas aplicabilidades, mas obedecem porque respeita a fonte que as impõem, sejam os pais ou as pessoas com valores significativos a elas. Além de pensar que poderá perder o amor e o afeto, as crianças seguem as regras devido ao medo dos castigos, do desprezo e da censura por parte dos mais próximos.

As observações feitas acerca das regras apresentadas constataram que as mesmas são elaboradas pela Supernanny sem a participação da família e não são modificadas ou sequer revistas caso ocorra discordância dos pais na sua elaboração. Também não há reflexão quanto ao conteúdo de algumas regras, como por exemplo, “comer tudo que está no prato”.

O objetivo das regras é cumpri-las e a Supernanny, ao perceber uma possível incredibilidade dos pais, utiliza um de seus argumentos para afirmar que quem tem a autoridade são eles, os pais, e não as crianças. E, quando um filho não quiser cumprir alguma regra, ressalta “mostre-lhe o cartaz e recorde o combinado. Assim você o estará ensinando a ter disciplina e, principalmente, que os limites existem e devem ser respeitados.” (POLI, 2006, p. 128).

Já que os pais são os detentores da autoridade deveriam participar da construção das regras juntos com as crianças, que por se sentirem coautoras deste processo de criação, participariam com melhor clareza da inserção das regras na rotina da família.

É importante frisar que a importância de regras coerentes e necessárias não está sendo questionada, mas sim a maneira pela qual estão sendo impostas. Obedecer às regras não é garantia de que o processo foi compreendido. Para isto é fundamental que a criança consiga entender o contexto ao qual determinada regra está inserida para haver o cumprimento da mesma. Porém o medo de estabelecer

limites, de frustrar os filhos e de deixar traumas leva os pais a serem permissivos demais, o que dificulta a relação familiar. E na contramão desta lentidão e acomodação dos pais na hora de educar está o caráter imediatista do programa que potencializa o mau comportamento das crianças, mostrando aos pais que a educação de seus filhos precisa de mudanças drásticas para um resultado urgente. Pirraças, palavrões, utilização de chupetas e mamadeiras em crianças maiores e o uso da cama dos pais para dormir são algumas das inúmeras situações, segundo Cris Poli, inadmissíveis e, portanto, precisam terminar.

Não há dúvidas de o discurso do programa é voltado para o convencimento do público, mas sua dimensão requer estudo. Problematizar acerca do papel disciplinador da mídia, especificamente do Programa Supernanny, é uma tarefa árdua porque estamos trabalhando com a hipótese de construção de um determinado modelo de sujeito. Sujeito este capaz de pertencer, de maneira submissa, às relações de poder. Propagar que a televisão e a sociedade caminham juntas nos possibilita compreender o panorama histórico-cultural-social atual, pois através do Programa Supernanny é possível acompanhar o que pensam e como agem grupos familiares perante as situações semelhantes, tais como dificuldades de impor limites aos filhos, divergências entre membros de uma mesma família (avó, nora, cunhado...), dificuldades nos relacionamentos conjugais e controle das finanças. O programa só tem audiência porque há condições para isso, há público. Mas que público é esse?

Para fazer uma análise do discurso é fundamental considerar os papéis dos sujeitos, seus históricos e suas condições de linguagem. Portanto, serão analisados os contextos aos quais os discursos aparecerão. Partindo destes pressupostos serão respeitados não apenas o que foi falado em determinada circunstância, mas suas relações com o que já foi falado anteriormente e, até mesmo, com o não – falado, observando as posições sociais e históricas destes sujeitos e ao que se referem a tais discursos.

A repercussão de programas como “Supernanny” aguça o interesse de pesquisadores acerca do discurso. É necessário entender o mecanismo capaz de abarcar uma legião de seguidores, não só ao assistir ao programa uma vez por semana, mas em levar conceitos divulgados pela Cris Poli (Supernanny) para uso cotidiano. Concordo com Orlandi (2005, p.21) quando afirma que “o discurso é efeito de sentidos entre locutores”, pois depende do contexto histórico de sujeitos e da

subjetivação de sentidos. Com o objetivo de exemplificar o que foi dito acima, apresento o “Programa da Eliana”, também do SBT, exibido no dia 27/09/2009 que evidencia este sentido entre os locutores. O quadro se intitulava “Dia da Vingança: Mini Supernannies dão conselhos aos pais!”

A dinâmica era a seguinte: crianças faziam perguntas sobre os temas trabalhados no programa, como por exemplo, o fato das crianças dormirem na cama dos pais “A cama é grande, cabe nós três. Por que eu não posso dormir com eles?” (Camilly, 4 anos) e as Mini Supernannies respondiam: “Cama dos filhos é cama dos filhos e a cama dos pais é a cama dos pais” (Lívia, 4 anos) Detalhe: eram observadas pelo olhar atento da Cris Poli (Supernanny), que se manifestava após os “conselhos” das Mini Supernannies. Além disso, estavam caracterizadas de Supernanny (terninho, óculos, lenço em volta do pescoço, cabelos presos, salto alto e, inclusive, gesticulavam de maneira semelhante a Cris Poli).



Mostrar na televisão o que acontece dentro de casa, explorando as intimidades das pessoas e tornar estas vivências suscetíveis aos questionamentos públicos, desperta no telespectador um sentimento de pertencimento à realidade, o faz sentir co-autor das práticas sociais. Ao expor suas opiniões, os indivíduos não estão

isentos das interferências na construção de suas ideias. Pelo contrário, seu discurso é o resultado de discursos anteriores aos quais foram submetidos dentro do grupo social de seu interesse.

Constantemente estamos submetidos aos movimentos de interpretação das mensagens televisivas e como somos sujeitos históricos e sociais assistimos aos confrontos entre os discursos. Porém, ao nos tornarmos seguidores de um programa, criamos um perfil identitário com ele, onde muitas das vezes, somente o assistimos e não refletimos ou questionamos seu conteúdo.

Assim acontece com o programa Supernanny que age como um dispositivo de etiquetagem e disciplinamento, ou seja, um único modelo pronto de prática discursiva capaz de atender todas as famílias, como se as pessoas não tivessem particularidades. Porém, este programa é uma resposta ao panorama social, onde a

dinâmica vivida pelo seu telespectador chegou ao ponto de fazê-lo delegar a educação de seus filhos a terceiros, neste contexto, ao programa. E por que isto acontece?

O programa traz uma estrutura que privilegia o conceito que atribuímos à realidade, aos fatos verídicos. Ele trabalha com histórias contadas por pessoas “comuns” da sociedade (a dona-de-casa, o taxista, o comerciante), com narrativas de experiências corriqueiras dos telespectadores (a falta de diálogo, o cansaço, a correria diária) e um cenário pertinente (o lar). Cria-se a ilusão de que tudo que acontece na frente das câmeras é real e que o programa existe porque as pessoas precisam dele.

É notória a auto-referência por parte da apresentadora que assume variadas posturas, dependendo do objetivo. Ora fala do lugar de uma professora, ora como salvadora da situação. Ora como psicóloga, ora como amiga. Às vezes até como mãe.

Para discursar em diferentes esferas é necessária a exposição do cotidiano vivido pelas famílias visitadas pela Supernanny e é a partir das suas observações que a apresentadora comenta e analisa os fatos. O fato de estar presente nos momentos em que os conflitos aparecem e poder observá-los é de extrema importância porque ela passa a fazer parte daquela atmosfera em tempo real. Partindo do pensamento de Barbero (1997)

“E não se pode entender o modo específico que a televisão emprega para interpelar a família sem interrogar a cotidianidade familiar enquanto lugar social de interpelação fundamenta para os setores populares. [...] Âmbito de conflitos e fortes tensões, a cotidianidade familiar é ao mesmo tempo “um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações”
(p. 295)

Baseado em seu discurso percebemos os momentos em que cada postura é adotada:

A Salvadora

No programa, Cris Poli assume o papel de salvadora e defendendo ser aquela que tira alguém de uma situação crítica recebe o aval da família. Os pais apelam: - “Socorro Supernanny!!!!”, em programa exibido no dia 29/05/2010, para resolver todos os problemas e ela responde: - “Vou socorrer vocês” (Supernanny).

Logo no início, antes mesmo de conhecer a família pessoalmente (ela conhece através de gravações feitas por sua produção) Supernanny afirma ser presença fundamental para reestruturar aquela família. Com frases como “Essa família precisa da minha presença” e “A mãe ficou contente com a minha chegada” (POLI, programa exibido dia 12/12/2009) ou ainda “Tô pronta pra começar o meu trabalho (POLI, programa exibido no dia 02/01/2010), Supernanny “organiza a vida” de todos os envolvidos e com a permissão deles. “Querida saber aonde eu tô errando pra que as coisas aqui em casa mudem” (O pai, programa exibido no dia 25/07/2010).

Escutar frases desesperadoras de pais que acreditam não saber o que fazer perante o comportamento dos filhos traz a reflexão sobre: o que temos que saber? Chauí (2000) nos diz que

Ignorar é não saber alguma coisa. A ignorância pode ser tão profunda que sequer a percebemos ou a sentimos, isto é, não sabemos que não sabemos, não sabemos que ignoramos. Em geral, o estado de ignorância se mantém em nós enquanto as crenças e opiniões que possuímos para viver e agir no mundo se conservam como eficazes e úteis, de modo que não temos nenhum motivo para duvidar delas, nenhum motivo para desconfiar delas e, conseqüentemente, achamos que sabemos tudo o que há para saber.
(p. 111).

É interessante pensar sobre isto porque se adquire consciência de que a ignorância não tem relevância quando a certeza ocupa os espaços decisivos. Isto quer dizer que, não sabe que não se sabe até não saber o que fazer. É quando a incerteza aparece. Como continua Chauí (2000)

A incerteza é diferente da ignorância porque, na incerteza, descobrimos que somos ignorantes, que nossas crenças e opiniões parecem não dar conta da realidade, que há falhas naquilo em que acreditamos e que, durante muito tempo, nos serviu como referência para pensar e agir. Na incerteza não sabemos o que pensar, o que dizer ou o que fazer em certas situações ou diante de certas coisas, pessoas, fatos, etc. Temos dúvidas, ficamos cheios de perplexidade e somos tomados pela insegurança.
(p. 111).

A professora

“Eu tentei te ensinar” (POLI, programa exibido no dia 05/06/2010). Segundo o Aurélio, professor “é aquele que ensina” e a Cris Poli (Supernanny) acredita ensinar as pessoas a separar o certo do errado e o bom do ruim. Porém, cada família que participa do programa é uma família com crenças, valores, rotinas e, inclusive

estruturas familiares diferenciadas, sendo consideradas “fora do padrão” por uma grande parcela da sociedade (casais formados por pessoas do mesmo sexo, mães ou pais solteiros, crianças adotadas...).

Cris Poli (Supernanny) procura mostrar aos pais “os erros” que estão sendo cometidos por eles e que refletem no comportamento dos filhos. A princípio são erros considerados inocentes, inclusive pelos pais, mas que com o tempo desencadeiam vários comportamentos inadequados, como a agressividade e a indisciplina.

É possível comparar e perceber a atitude dos pais perante o desempenho escolar do filho. Há 30 anos, a maioria dos pais cobrava do filho a autonomia e a responsabilidade por suas tarefas escolares. Hoje, muitos pais atribuem o fracasso escolar do filho ao professor. O que podemos refletir a partir disso? Nos dois momentos os pais transferem suas responsabilidades de educadores de seus “próprios” filhos. Ora delegando suas funções a terceiros (professores, babás, avós...), ora querendo cobrar do filho responsabilidades que eles ainda não tem condições para assumir.

O que a Supernanny quer “ensinar” aos pais é que são deles os papéis de principais responsáveis pelas crianças, tanto financeiramente quanto afetivamente. E isto não é o que acontece. Fica um transferindo a responsabilidade para o outro. “Eu acho que ela tá errada porque ela não toma nenhuma atitude” (O pai, programa exibido no dia 25/07/2010) e continua “Ela é irmã dele, não é a mãe”, afirmando que a mãe mais parece irmão dos filhos do que mãe porque não sabe se posicionar junto às crianças. E conclui “Eu vejo que muita coisa tá errada porque ela não tem autoridade aqui em casa com as crianças”.

O fato de não saber como lidar com os filhos levam os pais a trabalhar com os extremos: ou são permissivos demais ou rígidos demais. Eles não sabem encontrar o equilíbrio sozinhos e acreditam precisar da Supernanny para ensinar todo o processo. Quando são permissivos demais transformam seus filhos em crianças entediadas, desinteressadas, agressivas e instáveis... Quando são rígidos demais contribuem para a carência, traumas e introspecção de seus filhos...

Com a correria do dia-a-dia, os pais não percebem os próprios comportamentos e só conseguem brigar com seus filhos, colocá-los de castigo ou dar um presente/brinquedo, e não se atentam para o fato de que estão contribuindo para o comportamento que tanto repudiam. E devido a essa falta de atenção e à

quantidade de brinquedos, a criança acaba por “preferir” ficar de castigo no quarto, onde a diversão está por todo lado a ter que ficar escutando as lamúrias dos pais que estão sempre cansados e estressados... Isto não acontecia há um tempo quando não tínhamos tantas facilidades em parcelar as compras e podíamos trabalhar menos pra conseguir pagá-las.

A Psicóloga

“As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto significam em nós e para nós.” (ORLANDI, 2005, p. 20). Partindo deste pensamento é possível perceber quando a Cris Poli usa destes argumentos para mobilizar, tanto os pais quanto as crianças. Neste momento, a Supernanny trabalha com a Psicologia, onde parte para o estudo (observação) dos fenômenos que tem por objeto a vida de relação do homem.

A utilização de estratégias que permitem atingir o problema dos pais é um ponto alto para o sucesso do trabalho da Supernanny. Desde dinâmicas que propiciam o diálogo entre o casal até o ato de assistirem juntos a um vídeo educativo, desencadeiam vários tipos de emoções que vão do medo, passam pela culpa e chegam à raiva. “Realmente me acho uma mãe ausente na vida dos meus filhos, mas ausente no sentimento, que é uma coisa que eu não sei demonstrar. Não só pra eles, mas pra qualquer outra pessoa” (A mãe, programa exibido no dia 17/04/2010).

As dinâmicas são pensadas de acordo com o que a necessidade do sujeito e baseadas nas observações da Supernanny. É ela quem determina a dinâmica. A dinâmica do espelho, por exemplo, onde a pessoa conversa com si própria, traz a constatação da realidade. É um momento único onde o indivíduo faz um auto-reconhecimento e analisa seus problemas “de frente”. Ele é chamado a pensar sobre é como pessoa, como pai/mãe, como marido/esposa, enfim, a refletir sobre suas atitudes... Isto causa constrangimento, pois as pessoas não tem o hábito de se analisarem... “Na verdade eu acho que ela não tem oportunidade de falar aquilo que ela sente. Mas ela conseguiu fazer” (POLI, programa exibido no dia 20/072008).

Não é só com a mãe e nem só com os filhos. Assim como toda a família, o pai também é o alvo das observações e análises da Supernanny, que exige o

posicionamento dele no cotidiano familiar. “Esse pai precisa participar mais. Os meninos precisam dele” (POLI, programa exibido no dia 29/05/2010). Mas também afirma que o pai não é aquele que só impõe limites, mas que aconselha e brinca com os filhos. No diálogo, Supernanny tenta tirar do pai o papel de vilão que, muitas das vezes, ele mesmo se atribui. “Eu que dou a bronca. Aí o pai é sempre o carrasco da casa” (O pai, programa exibido no dia 25/07/2010).

Supernanny procura mostrar que se a família não está bem é porque o problema está no relacionamento entre eles e não só em um ou outro, mas como um todo. “É uma casa que é o reflexo da falta de estrutura desse casal, da falta de organização” (POLI, programa exibido no dia 29/05/2010).

Para mostrar aos pais a importância da presença deles junto aos filhos, Supernanny exibiu um documentário com mães que perderam seus filhos e que fariam qualquer coisa para tê-los de volta. Trabalhar com o psicológico das famílias faz parte da rotina do programa, que diante de um “choque de realidade” aumenta a clareza dos fatos, trazendo os pais para o enfrentamento dos problemas de forma mais ativa. Segundo POLI (2010)

Essa geração de pais, com filhos pequenos e até adolescentes, foi educada com limites. Depois, a psicologia deu uma reviravolta e começou a dizer que não se podia traumatizar as crianças, que se devia fazer as vontades, e eles quiseram aplicar isso com os filhos. Mas não dá certo. É preciso ensinar à criança o que ela pode ou não fazer. A educação está voltando para essa linha. Não tão rígida e autoritária quanto antigamente, mas reconhecendo a necessidade dos limites.
Disponível em < <http://blogs.abril.com.br/mundobebe/2010/06/entrevista-com-cris-poli-supernanny.html> > Acesso em 05/10/2010 às 20:54

A amiga

“Quem disse que a educação é responsabilidade da mulher?” (POLI, programa exibido no dia 02/01/2010). Com esta frase a Supernanny assume o papel de amiga no tratamento com a mãe. Mostrar que está ali para ajudar a mãe e afirmar que ela não está sozinha no processo de educação dos filhos, transmite confiança e aumenta a autoestima desta mulher repleta de compromissos e afazeres. Porém, a Cris Poli não se mostra amiga somente da mulher, mas sim de toda família.

Ela se mostra amiga e conselheira no intuito de criar vínculos com a família. Estes procedimentos tornam as confissões mais fáceis, pois acabam por estabelecer relações de confiança, onde os envolvidos sabem que serão criticados, mas terão seus “problemas resolvidos”. As confissões trazem situações antigas, inclusive

pertencentes à infância e questões mal trabalhadas, como a saída do emprego para cuidar das crianças ou problemas financeiros com a chegada dos filhos. “Eu me sinto prisioneira da minha própria casa porque eu tenho que fazer as coisas que precisam ser feitas e que ninguém vai fazer no meu lugar e nem sempre são as coisas que eu gostaria de fazer. Socorro Supernanny!! (A mãe, programa exibido no dia 02/01/2010) ou ainda “Antes eu não conseguia enxergar o que acontecia aqui em casa. Depois da visita da Cris, vi que o problema estava comigo. Eu é que precisava mudar. (A mãe, programa exibido em 02/01/2010)

O desespero da família é tamanho que elas aceitam tudo o que a Supernanny diz porque precisa de soluções instantâneas e conselhos “Você não gostaria de fazer um compromisso com você mesma?” (POLI, programa exibido no dia 20/07/2008.

A mãe

Cris Poli fala de “mãe para mãe” quando percebe que a mulher está se anulando por causa da maternidade, colocando na vida o único e exclusivo papel de “cuidadora de filho”. É importante ressaltar que não está sendo criticada a postura de uma mulher que queira se dedicar ao trabalho, digamos, materno, porém, parar tudo a sua volta para mimar um filho provoca várias reflexões. Como deixar o filho experimentar os espaços se a mãe permanece o tempo todo com ele no colo? Como dar conta da limpeza da casa, do preparo da comida e das roupas se uma mãe fica sentada frente aos filhos, brincando? Como dar cota do trabalho externo e do interno se a mãe não quer dividir as tarefas com o companheiro? “Eu não tenho voz ativa” (A mãe, programa exibido no dia 08/05/2010) E por último, mas não menos importante, como aceitar que o pai do seu filho pegue o bebê que está aos berros vire para ela e diga “Toma que o filho é teu” (O pai, programa exibido no dia 08/05/2010). Qual é, realmente, o papel da mãe? “Eu perdi o controle” (A mãe, programa exibido no dia 02/01/2010).

Durante todos os programas, a Supernanny mostra para mãe que é preciso ter autoridade e não ser autoritária. O que será que acontece com as mães? Sabem da teoria, mas não praticam?

A postura da Supernanny

Enquanto observa a rotina da família antes de pronunciar a sua análise, Cris Poli expressa suas reações frente às atitudes dos participantes do programa. Neste momento ela não fala, só gesticula. Ora balança a cabeça em protesto a cena assistida, ora bate o pé, no intuito de mostrar que aquela situação é inadmissível. Estes trejeitos soam como deboches, como se as pessoas envolvidas não soubessem se comportar, nem dialogar, nem dormir, enfim, nem viver. Como se tudo estivesse errado, fora do padrão.

Este momento de observação feito pela Supernanny ao chegar à residência para conhecer o cotidiano daquela família parece não servir para nada, pois independente do que ela observar naquele ambiente familiar, as “soluções” estão arquitetadas há muito tempo. Isto porque em todas as casas acontecem as dinâmicas padronizadas, ou seja, para todas as casas existem o “Cantinho da Disciplina”, O “Método do Incentivo”, a “Rotina”... Nesta primeira parte do programa, a Supernanny trabalha com a dedução.

Compartilhando da ideia de que a razão discursiva trabalha com três modalidades: a dedução, a indução e a abdução, Chauí (2000) descreve

A dedução consiste em partir de uma verdade já conhecida (seja por intuição, seja por uma demonstração anterior) e que funciona como um princípio geral ao qual se subordinam todos os casos que serão demonstrados a partir dela. Em outras palavras, na dedução parte-se de uma verdade já conhecida para demonstrar que ela se aplica a todos os casos particulares iguais. Por isso também se diz que a dedução vai do geral ao particular ou do universal ao individual. O ponto de partida de uma dedução é ou uma ideia verdadeira ou uma teoria verdadeira.
(p. 81)

Isto significa que deduzir que uma técnica ou metodologia vai conseguir o mesmo efeito em todos os casos, principalmente aqueles que envolvem pessoas, é um equívoco. Trabalhar com a ideia do todo para o individual é pertinente desde que os sujeitos e suas necessidades sejam considerados, o que geralmente, não ocorre. A Supernanny apresenta as mesmas metodologias para estruturas familiares distintas e como resultados temos pseudos finais felizes, ou seja, as famílias parecem “dominar” as técnicas impostas pela Supernanny, mas basta que ela se ausente que a confusão recomeça.

Neste contexto, fica evidente que a Supernanny não tem êxito quanto trabalha com esta modalidade da razão discursiva, a dedução. Porém, se atentarmos para os

momentos positivos, onde a disciplina e o afeto (buscados efetivamente durante todo processo) se unem, observa-se que se trata de uma outra modalidade: a indução. Para Chauí (2000)

A indução realiza um caminho exatamente contrário ao da dedução. Com a indução, partimos de casos particulares iguais ou semelhantes e procuramos a lei geral, a definição geral ou a teoria geral que explica e subordina todos esses casos particulares. A definição ou a teoria são obtidas no ponto final do percurso. E a razão também oferece um conjunto de regras precisas para guiar a indução; se tais regras não forem respeitadas, a indução será considerada falsa. (p.82).

Quando a Supernanny, já com a fala da Cris Poli, ou seja, quando Cris Poli assume o papel da babá, ela apresenta uma fala rígida e áspera, mas quando “sai” da personagem, Cris Poli fala como parceira e isto reflete na relação dela com os demais envolvidos, a família.

Partindo das particularidades daquela família em foco, Cris Poli varia as estratégias, pois passa a trabalhar do individual para o coletivo. Nesta parte do programa, ela trabalha, ou só com a mãe ou só com o pai, o que permite conhecer melhor as dificuldades daquela família.

A terceira modalidade trabalhada por Chauí (2000, p. 83) é a abdução. Para ela, “A abdução é uma espécie de intuição, mas que não se dá de uma só vez, indo passo a passo para chegar a uma conclusão. A abdução é a busca de uma conclusão pela interpretação racional de sinais, de indícios, de signos”. Seria o juntar de pistas para descobrir o algo maior. E isto ocorre no programa, pois os pais chamam a Supernanny porque não sabem lidar com o mau comportamento de seus filhos, mas no final descobre-se que eles não sabem lidar com eles mesmos.

A vez dos pais...

Os pais também mudam de postura. O comportamento é um na presença da Supernanny e outro na sua ausência. E isso é narrado por eles mesmos

Meu marido tava, assim, exagerando porque ele participa, mas não daquele jeito. Na frente da Supernanny ele corre toda hora atrás, mas assim, normalmente ele não é assim. [...] Eu gostaria que ele demonstrasse mais o que ele é de verdade, porque ele não é assim. (A mãe, programa Supernanny exibido no dia 29/05/2010).

As pessoas acreditam estar na presença de alguém que só conhece verdades e se intimidam com suas próprias atitudes, passando a se comportarem de formas diferentes para agradar a Supernanny com o objetivo de não sofrerem críticas. “Você vai deixar ele jogar? Nossa, com a presença da Supernanny aqui deixaram até o irmão brincar no computador, coisas que elas não fazem” (A mãe, programa exibido no dia 17/04/2010).

Além de admitirem atribuir o poder de educar seus filhos à Supernanny “Eu quero que a Supernanny me ajude a acertar porque errar eu já sei que tô errando. Então eu preciso de alguém que me ajude a acertar” (A mãe, programa exibido no dia 29/05/2010), eles também se culpabilizam por tudo que está “errado” naquela casa: “Os dois maiores tem regras. O Vinícius não tem regras porque eu não consigo impor regra pra ele também, porque ele não me obedece.” (A mãe, programa exibido em 10/04/2010). A culpa permanece inclusive no que diz respeito ao relacionamento conjugal e ao trabalho fora de casa (carreira/profissão).

3.4 Análise dos discursos dos telespectadores: O *grupo focal*

Com a proposta de conhecer o público do programa e compreender os motivos aos quais as pessoas o assistem foi realizado um *grupo focal*. O *grupo focal* é uma técnica de pesquisa, no qual ocorre a reunião de pessoas num mesmo tempo e local. Estas pessoas fazem parte do público-alvo da investigação desejada. Esta técnica tem como objetivo a coleta de dados a partir do diálogo e do debate entre os participantes. A relevância dos resultados é baseada na formulação de opiniões e atitudes observada a partir da interação dos sujeitos que compõem a dinâmica. É interessante perceber que, dependendo da problematização feita pelo mediador, os sujeitos modificam suas opiniões ou reformulam ideias defendidas anteriormente.

Para tal dinâmica foi selecionado um grupo de oito pessoas que assistem ao programa Supernanny e gostariam de defender seus pontos de vista e compreender como a sociedade, de um modo geral, recebe este tipo de programa. Portanto, eis os participantes:



Mediadora: Marcelle Marques Cotrim Pinto
31 anos, um filho, estudante

Danyelle Cristina Costa Ribeiro
30 anos, sem filhos, estudante



Edna Magalhães Pimentel
43 anos, um filho, estudante

Guilherme Luis Mascarenhas Figueira
23 anos, sem filhos, estudante



José Claudio Christovão Pinto
42 anos, um filho, funcionário público

Marcos Augusto Costa Pimentel
51 anos, um filho, funcionário público



Michelle Rocha Mattos
22 anos, sem filhos, estudante

Renata Torres Carvalho
32 anos, um filho, professora



Taisi Rafaela Carvalho do Nascimento
21 anos, sem filhos, professora

Na data e horário marcados (23 de outubro de 2010, às 14 horas), todos se reuniram para assistir a um episódio gravado escolhido, aleatoriamente, pela mediadora do *grupo focal*. Após a exibição do mesmo, iniciou-se a conversa. Diversas perguntas foram feitas e, respeitando a vontade de cada um em responder, alguns questionamentos surgiram.

A realização deste encontro possibilitou uma análise das respostas do público do programa em questão. É importante frisar que ao analisar as respostas não houve julgamento de atitudes certas ou erradas, mas uma análise de acordo com a realidade atual, respeitando os contextos sociais, culturais e históricos dos sujeitos envolvidos.

Encontrar respostas como “Eu assisto o programa meio por falta de opção” (Taisi), ou ainda, “Quando eu comecei ver foi por curiosidade, pra saber como que era o programa e em seguida eu fui observar que as pessoas falavam que era assim, que servia pra você utilizar dentro de casa” (Renata), nos faz refletir sobre o quê realmente estamos procurando na televisão. Será entretenimento? Será um manual de como educar nossos filhos? Por que assistimos ao programa? Perceber esta vulnerabilidade do telespectador nos permite entender o espaço utilizado pelo programa para formatar indivíduos e ditar normas e condutas. É exatamente no momento em que achamos que não estamos absorvendo nada; quando estamos distraídos.

Assistir televisão significa estar em constante processo de interferências e de construção de opiniões. Dependendo do estado emocional em que a pessoa se encontrar, é possível compreender a quantidade de informações que foram adquiridas e receberam diagnósticos de verdades absolutas.

Muitos pais atribuem poder absoluto à Supernanny que foram questionados pelos participantes do *grupo focal* em frase como “Ela dá esse rumo, esse norte pra eles” (Danyelle), ou “Os pais hoje não querem errar e nessa ânsia, nessa ansiedade de acertar, de saber qual é o melhor caminho, eles ficam meio perdidos” (Danyelle) reflete a falta de autonomia dos pais na educação dos próprios filhos.

Pensar em educação requer esforço, pois muitas famílias possuem conceitos diferentes sobre o que vem a ser uma boa educação. Elas procuram a Supernanny porque acreditam que a problemática envolve a criança, mas depois percebem que, geralmente, a dificuldade está no relacionamento conjugal. Quando o

foco se concentra na resolução dos problemas do casal, automaticamente, surte efeito no comportamento das crianças, “porque na verdade, os problemas não são nas crianças, estão nos pais que não sabem lidar com o problema, que é a falta de atenção” (Renata). É preciso que alguém de “fora”, neste caso a Supernanny, interceda e alerte os pais para a realidade. “Ela primeiro trabalha com os pais pra depois trabalhar com as crianças” (Edna).

Apesar de todos afirmarem que, de alguma forma, o programa auxilia as famílias, ninguém se inscreveria no mesmo. “acho que expõe muito sua vida, entendeu? (Renata), “Eu acho que quem se inscreve no programa é porque já tá sem rumo [...] Quem tem alguma noção não se inscreve num programa porque vai procurar ajuda” (Michele). E por que estas pessoas se inscrevem então? “única via, o único caminho que ela encontrou no momento. De repente são pessoas que não tem um bom relacionamento ou nunca tiveram um bom relacionamento com o pai, com a mãe, com o irmão, não tem proximidade” (Marcos).

Atualmente, a correria cotidiana tem sido o principal motivo para as atividades realizadas de forma precária, inclusive no tempo dedicado a família. Nesta caminhada acelerada, muitos sentimentos, diálogos e rituais estão ficando em segundo plano. Já não se tem tempo pra entender as manhas e as pirraças das crianças, nem compreender suas frustrações ou desejos; pais não conseguem parar para escutar seus filhos e, agora, muitos filhos também ignoram seus pais; os rituais então, cada vez mais ausentes. Tomar o café da manhã juntos, almoçar em família, organizar a festinha do filho na escola... Tudo isto não está tendo tanta relevância. E a culpa é da falta de tempo. Não se tem tempo para nada! Só para trabalhar, trabalhar e trabalhar.

Com este cenário a televisão ganha destaque, pois é uma companhia para todas as horas; chova ou faça sol; seja dia ou madrugada. Lá estará ela ditando seus afazeres posteriores. A pessoa fica tão dependente da televisão que chega ao ponto de querer aparecer na tela. Expõe sua intimidade, suas frustrações, seus filhos em troca de participar daquela que permeia a vida de quase todas as pessoas: a TV! Muitos acreditam que estas pessoas que se expõem, não tem noção do que estão fazendo: “Olha, eu acho que não tem essa noção. Porque ela prefere uma solução para aquele problema que já a deixa tão angustiada que ela já não vê nem mais nenhuma expectativa” (Marcos).

Às vezes é difícil acreditar como uma pessoa educa seu filho baseada em um programa televisivo, mas acontece. “Muita! Muita gente assiste. Minha tia assiste e fala que o Pedro é muito levado. Tá bom pra você vê, aí, resolve!” (Renata).

O *grupo focal* foi útil porque trouxe questionamentos antigos, mas que não saem da mídia e, conseqüentemente, não saem dos debates. Aqui também não foi diferente. Falar dos papéis designados para homens e mulheres requer paciência para ouvir e entender os argumentos das partes envolvidas. De um lado as mulheres que pensam “A mulher fica mais tempo em casa com as crianças. Ela que tá ali. Então ela precisa ter o maior controle sobre a casa, sobre as crianças e ela também tem que tá bem pra receber o marido quando o marido chega em casa” (Taisi) e continua “Porque ele na vida dele trabalhando, ele também encontra diversas dificuldades. Se ele chega em casa e encontra uma mulher que tá gritando com as filhas, que tá fazendo uma coisa e tá fazendo outra, como ele vai ficar?” E outras mulheres que opinam “É óbvio que ela tem que tá bem quando o marido chegar. Mas por que ela tem que tá bem quando o marido chegar? Ele também tem que tá bem quando chegar em casa [...] É uma troca”. (Michele).

Discussões como estas possibilitam as trocas, as articulações discursivas e permitem que conceitos sejam repensados sobre outros pontos de vista. Isto enriquece o convívio social e a construção da personalidade do sujeito, enquanto indivíduo constituinte. Neste contexto, surge a concepção de Marcos no que diz respeito à constituição familiar e responsabilidade dos pais em relação aos filhos

Na minha opinião, não tem mais como fugir deste sistema, né, que já foi colocado. Já até, uns colegas já sabem, já me coloquei várias vezes dentro da sala de aula com relação a essa coisa de criança com três, quatro, cinco anos de irem pra escola. Na minha opinião, elas teriam que ficar em casa junto com os pais. Mas só que a coisa mudou, né? Tá o consumismo e a vida mudou, o sistema mudou e as crianças ficam toda problemática, a família com problema porque os filhos estão saindo com a cara da babá, com a cara da avó, com o jeito da avó. Mas só que lá no final, ou seja, no final da vida, quando ficar mais adulto, na hora que tiver que tomar as decisões, quem vai ter que tomar as decisões ou ajudar nos problemas são os pais. Não vai ser a avó, nem a babá. Daí é muito fácil, bota no colégio, ficar o tempo integral no colégio, mas e os pais? E a vida familiar? Se jogou? Se perdeu? E daí acontece isso que tá acontecendo, terceirizar a vida de casa. Tá entrando as babás, tá entrando as vovós, que entre aspás, deveriam fazer uma coisa mais produtiva, mas já se diz na tradição que a avó quando se aposenta ou fica viúva, por aí a fora, aí vão o que? Vão cuidar dos netos.
(MARCOS)

Compreender que a realidade mudou, que o tempo diminuiu e que as tarefas aumentaram devido à dificuldade de se manter no mercado de trabalho e no mundo

consumista em que vivemos, tem sido difícil. A maioria das pessoas se sentem perdidas em meio ao turbilhão de atividades diárias as quais devem prestar contas e em decorrência disso se anulam como indivíduo para se tornarem apenas “o pai”, “a mãe”, “o médico”, “a professora”; e não mais “o João”, “o Paulo”, “a Sônia” ou “a Laura”. Acreditam que suas funções necessitam ter prioridade. Isto é um equívoco, porque ao ter esta atitude, geralmente, perdem a essência, os valores adquiridos e o discernimento e passam a acreditar que o que é certo é feito pelos outros. Como ouvimos no *grupo focal*:

Eu acho também que a gente não pode se anular como pessoa. A gente não pode viver só em função dos filhos porque a gente cria filho pro mundo, né? Então a gente também tem que ter seu tempo. Eu já vi programa que às vezes a mãe parou de trabalhar e ela começou a descontar as frustrações dela na criança. E a Supernanny fala exatamente isso. A função do programa Supernanny não é educar as crianças é detectar onde está o problema, que é nos pais, trabalhar com os pais e depois trabalhar com as crianças. O método mesmo, eu não vejo que funcione. Ajuda, mas não funciona. Porque você vê no final mostra a menina fazendo birra ainda e ela diz continua com o método porque isso é um processo e não uma questão de consciência da criança. Olha você ta fazendo coisa errada, pensa. Será que quando ela ta sentada, ela ta pensando no que ela fez? Não sei...
(RENATA)

O programa Supernanny, para a maioria que o assiste, se transformou em manual educativo para os pais que, ao se sentirem sozinhos na árdua tarefa de educar, recorrem sem questionamentos. No contexto estão famílias desestruturadas. Entende-se como família desestruturada com base no modelo padrão de família que aprendemos a algum tempo, tanto em casa quanto nas escolas, e que Marcos nos relembra: “O que que eu tenho de concepção de família? Pai, mãe e filho reunido numa mesa, sentado...”, mas entende que esta concepção de família mudou, mas que ainda não conseguiu assimilar

O tempo hoje são outros. A construção de família é diferente. Por conta disso é que eu não consegui anda achar qual é o papel do pai, qual é o papel da mãe, como o filho vai poder ser encaminhado. [...] O que que é uma família hoje em dia, com sinceridade, ainda não consegui encontrar. A família que eu conheço é essa mais um pouquinho pra trás. Pai, mãe, filho. Você vai ver hoje até na relação dentro do colégio, você não pode fazer uma reunião com os pais, você tem que fazer uma reunião dos responsáveis. Porque a figura do pai e da mãe a gente já não pode mais contar com isso, porque nós temos lá a madrasta, o padrasto, né isso? É o filho que mora com a avó, a mãe foi embora, o pai largou.
(MARCOS)

No intuito de compartilhar sua ideia sobre o que vem a ser uma família, Michele diz:

Pai e mãe, hoje em dia, não é o biológico. Pai e mãe é quem vive com a criança. É o avô e a avó? Então pai e mãe da criança é o avô e a avó. [...] Se a criança vive com a mãe que é mãe solteira e mora com a avó. Quem é o pai e a mãe daquela criança. São as duas pessoas que são responsáveis por educar aquela criança. E convivem para educar aquela criança. Então é independente se é dois homens, duas mulheres, se é tio, se é tia.

Estas questões envolvendo a família renderam excelentes questionamentos, inclusive possibilitou avançar para uma compreensão acerca do valor que atribuímos à opinião de terceiros na dinâmica da casa. A conversa envolveu a postura da Supernanny ao chegar para trabalhar com as pessoas daquela casa. “Eu acho que num primeiro momento ela quer mostrar que ela tem um conhecimento, tá ali observando você errar. Num segundo momento, vamos juntos consertar isso. Ela bota uma roupa mais informal” (Michele). Para Danyelle “ela passa com aquele uniforme dela ali pra mim, além da autoridade é que, assim a governanta da casa. Ela chegou pra botar a ordem”. Todos concordaram que a Supernanny se considera a autoridade máxima e que as coisas só irão melhorar se todos na casa seguirem suas ordens.

Durante o *grupo focal* foi possível perceber que os participantes acreditam que a melhor estratégia para resolver todos os problemas, ainda é “o velho conhecido”, mas pouco utilizado diálogo. Entre mencionar que se utiliza do diálogo e dialogar existe um abismo. Na discussão foi mencionada a forma autoritária da Supernanny em apresentar suas metodologias:

Eu acredito que tem a possibilidade de um diálogo, até com as crianças mesmo: por que você não gosta de dormir no seu quarto? O que que acontece no teu quarto? Eu acho que, até com a criança mesmo poderia ter um diálogo, entendeu, no método dela. (TAISI)

Foram apresentados exemplos seguidos pelos participantes do *grupo focal*:

Eu faço muito com os meus e que dá certo: eu boto eles pra votar em tudo que vai ser decidido. Por exemplo, no colégio que eu trabalho, eu peguei o time de futebol da escola pra treinar porque o professor de educação física da escola é completamente alucinado, chegar ao ponto de eu assistir ele tacar cones nas pernas dos alunos. Completamente alucinado. Eu fiz uma lista de regras com eles, que tem regras de comportamento, regras de quantidade de notas vermelhas, quem tem mais não joga... Tem todo um esquema de regras. Quem entra e quem sai do time é votado pelos que continuam. Quem tem nota, quem tem o comportamento no

esquema vota. Teve dois que ficaram no time, mas não cumpriram a regra. Porque um não tem nota boa, mas o comportamento melhorou us 200%. Era um inferno o moleque dentro da escola e agora ta uma dama. Eu botei nos mais votados. O que vocês acham? Francisco continua ou Francisco sai? Todo mundo votou não, Francisco continua, melhorou o comportamento...
(GUILHERME)

Neste viés apareceu a importância das regras e sua articulação com o cotidiano das pessoas.

Tem que ter regulamento. Se todo mundo começar a falar junto aqui, ninguém vai entender nada. Então, eu mesmo vou esperar ele terminar, pra outra falar e assim por diante. Uma coisa que acaba, a gente usando no nosso dia-a-dia, sendo um hábito.
(RENATA)

Os assuntos se articulavam e as discussões ganhavam espaços. Era interessante observar as pessoas querendo defender seu ponto de vista e concluir que a televisão influencia, mas que refletir é um ótimo recurso para entendermos nossas atitudes. O bacana era perceber que as pessoas nem sempre tem uma opinião formada sobre um assunto, mesmo que este esteja na mídia. A reflexão proporciona a curiosidade e a reformulação de ideias, valores e conceitos. Como nos relata Renata:

Eu acho que, não vejo que as técnicas que resolvam. Acho que os problemas do cotidiano de cada um pode servir de referência. Pô, é realmente isso que eu faço. Você acaba se vendo e acaba tentando consertar a partir do momento que você viu e puxa, realmente eu faço isso. Que, às vezes, você não tem ciência do que você faz no dia-a-dia. Uma pessoa de fora que tem que te analisar. Por isso que é muito difícil quando alguém te pede assim, dá uma nota no teu trabalho. É horrível! Você se autoavaliar é muito ruim. Você não quer, então é mais fácil a gente avaliar o outro. Então, é a mesma coisa na nossa vida também, no caso do programa, como que você é como mãe? Você brinca? Você faz isso? Você faz aquilo? Então quando você vê o programa você se pega em situações que você faz. Aí, você poxa, meu filho então ta assim devido a isso, entendeu? Eu acho que falta, assim, essa questão de consciência dos pais, que eles não tem e devido a esses problemas da falta de consciência acabam não obtendo regras, o que fala que funciona, mas não é, porque tem famílias que não tem regras. As crianças fazem o que quer, comem o que querem porque os pais deixam, permitem, são permissivos. Mas por que que eles são permissivos? Porque eles não conseguem se estruturar.

4 Considerações Finais: Para não concluir

Quando surgiu, a televisão era artigo de luxo, mas hoje é artigo de primeira necessidade. É muito difícil encontrar uma residência que não possua uma. Antes, recebia destaque no melhor lugar da sala de visitas. Agora é encontrada até dentro de um bolso, conectada ao celular; Antes, tinha um custo altíssimo. Agora, qualquer boleto dividido em dez vezes pode pagar. Neste processo de pesquisa sobre a televisão foi possível compreender os vários olhares voltados para a sua funcionalidade.

Considerou-se que, geralmente, as pessoas utilizam a mídia televisiva para entretenimento e/ou para se manterem informadas. Porém, elas não se atentam para o fato que já se tornaram dependentes deste aparelho. Partindo deste viés, onde a TV é o centro da conversa, foi feita uma análise sobre o discurso do programa Supernanny. Constatou-se que a televisão também serve como manual educativo, onde as pessoas recorrem quando se sentem despreparadas para determinadas situações que, neste contexto, são as dificuldades nos relacionamentos familiares. Porém, percebemos que o mesmo possui este caráter pedagógico, mas autoritário. O discurso pedagógico da Cris Poli (Supernanny) ressalta sua postura behaviorista de condicionar os pequenos a cumprir regras sem saber o porquê, revelando o objetivo do programa: treinar crianças para seguirem um modelo-padrão de “criança perfeita”, aquela que não faz birra, obedece sempre, cumpre suas tarefas e ao final recebe um prêmio.

Trabalhar com esta ideia de que a criança desenvolve sua autonomia a partir do momento em que cumpre uma tarefa para ser contemplada com uma premiação é um equívoco. Isto só serve para reforçar a heteronomia da criança, fazendo com que a mesma permaneça sendo governada pelos outros, não compreendendo suas ações e/ou consequências das mesmas.

Durante a pesquisa conseguimos identificar o desenrolar de algumas das categorias da Análise do Discurso e a partir desta análise compreendemos a escolha do público-alvo do programa Supernanny: famílias desorientadas no que diz respeito à educação das crianças. Partindo deste pressuposto, fica notório o tipo de linguagem utilizado pela apresentadora com o intuito de direcionar os pais para o

“caminho certo” da arte de educar. Para Cris Poli, algumas etapas devem ser cumpridas para garantir o êxito da missão de controlar os pequenos. A apresentadora assumiu, **assim**, diferentes papéis sociais durante os programas investigados. Na categoria de sujeito polifônico da Análise do Discurso, Cris Poli se desdobrou para atuar como a “salvadora”, a “professora”, a “psicóloga”, a “amiga” e a “mãe”, para demonstrar pertencimento ao contexto histórico-social da família em questão. Para ela, a “hora do confronto”, a “rotina”, as “punições”, o “cantinho da disciplina”, o “método do incentivo” e as “regras” são ingredientes fundamentais para a receita de “família perfeita” dar certo. Cada etapa tem que ser cumprida à risca, sem questionamentos e com determinação.

Trabalhar com a ideologia dentro do contexto do programa significa trabalhar com só um ponto de vista, que é o da apresentadora. Não há uma abertura para a escolha das tarefas porque este planejamento da estrutura diária da família já chega “pronto” para ser executado. Ele foi confeccionado mediante as poucas observações da Supernanny, que diagnosticou os problemas e prescreveu as soluções.

Outra categoria da Análise do Discurso, a enunciação, que é o lugar onde se instala a interação entre os sujeitos, ressalta a importância de se considerar de onde o sujeito do discurso enuncia, a função daquela enunciação e em que condições o discurso foi concebido. Para isto, o programa trabalha com o modelo/padrão de educação inflexível, ou seja, tudo é trabalho seguindo etapas, independentemente da família.

Utilizando da interdiscursividade, Cris Poli reafirma que crianças que se comportam de maneira inadequada se “transformam” em adultos rebeldes, infantilizados ou marginalizados. Como se fosse uma regra geral, isto é, se um menino teve um pai que sofria de alcoolismo, ele também sofrerá, **por exemplo**. Nesta perspectiva, também podemos compreender a produção dos sentidos de um discurso, pois eles são produzidos no espaço entre o acontecimento atual e a memória discursiva, respeitando o contexto e o sujeito neste contexto.

Constatamos que o programa não propicia a reflexão dos pais perante suas atitudes. Eles só aprendem a seguir as orientações da apresentadora que não estimula a existência de um momento em que pais e filhos conversem sobre a necessidade das regras, da importância do diálogo, da organização das atividades familiares... Mais uma vez fica evidente o caráter autoritário do programa que só está

preocupado em listar as obrigações dos envolvidos. Onde se encaixa o momento de reflexão da família? Não se encaixa porque não existe.

A realização de um *grupo focal* no quadro da metodologia adotada contribuiu muito para a compreensão de alguns aspectos da análise discursiva do programa. Foi possível perceber o incômodo dos participantes com a presença da câmera que, apesar de serem informados pela apresentadora para agirem normalmente, ficavam desorientados, envergonhados e, muitas das vezes, sem saber o que fazer.

Na discussão deste *grupo focal* surgiu a dúvida quanto à veracidade do programa que, por ser editado, deveria escolher o que iria ao ar de acordo com as conveniências da emissora. Surgiram questionamentos sobre a exposição sofrida pelas famílias que divulgam suas particularidades e o porquê faziam isto. Os participantes chegaram a conclusão de que o desespero em não saber como lidar com os problemas domésticos acabam levando as pessoas a procurarem este tipo de ajuda. Isto sem levar em conta a possibilidade de remuneração do casal pela participação no programa, o que é bastante plausível.

Esta pesquisa não teve a pretensão de julgar o programa Supernanny, mas investigar os variados discursos que envolvem o mesmo. De acordo com estas investigações foi possível compreender que as metodologias aplicadas pela Cris Poli são pertinentes desde que respeitem a particularidade de cada indivíduo de cada família, pois o que funciona para um não, necessariamente, funciona para o outro. O que ocorre é que o programa traz quadros formatados, onde é a família que deve se adaptar ao que está “pronto” e não o contrário. Não há uma flexibilidade. As problemáticas são tratadas de forma igualitária, ou seja, se a criança estiver dormindo na cama dos pais é porque é insegura emocionalmente. É necessário mais do que um “achismo” ou uma “generalização” para se emitir um diagnóstico como este. Ela pode estar insegura emocionalmente, mas outras hipóteses também poderiam ser cogitadas, como querer disputar a atenção da mãe com o pai, por exemplo.

Afirmar que esta pesquisa está concluída significa dizer que todos os questionamentos anteriores foram respondidos. Porém, outros surgiram ao longo deste trabalho. Isto é importante ressaltar, pois nos mostra a certeza de que estaremos sempre abrindo portas para o conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo, Hucitec, 2002.

BARBERO, Jésus Martin. Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Unicamp, Campinas, S.P, 2009.

ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. Debates. Estética. Perspectiva. S.P, 2006.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Análise do Discurso: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERRÉS, Joan. Televisão e Educação. Artes Médicas, Porto Alegre, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. Educação e Pesquisa, São Paulo (SP), v. 28, n. 1, 2002. P.151-162.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. 24^a ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 11^a ed., Record, Rio de Janeiro, 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (org). Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos, Claraluz, 2003.

KAMII, Constance. A criança e o número. Papirus, São Paulo, 1993.

MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. SENAC, São Paulo, 2000.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Análise do Discurso. Princípios & Procedimentos. Campinas, Pontes, 2002 e 2005.

_____. Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil, Cortez, São Paulo, S.P, 2002.

POLI, Cris. Filhos Autônomos, Filhos Felizes. 7ª ed. São Paulo. Gente, 2006.

_____. Entrevista concedida a Revista Enfoque Gospel. Ed.56, mar 2006. Disponível em < <http://www.revistaenfoque.com.br>> Acesso em 06/12/10 às 16:13.

_____. Entrevista concedida a Revista Claudia Bebê, São Paulo, 10 jun 2010.
SCHWARTZ, Tony. Mídia: O Segundo Deus. Summus, São Paulo, 1985.

SILVEIRA, Maria Helena. Salto para o Futuro: Educação do olhar/Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998. V.2, Série de Estudos Educação a Distância.

SODRÉ, Muniz. O monopólio da Fala: Função e Linguagem da Televisão no Brasil. 6ª ed., Vozes, Petrópolis, 1999.

_____. Entrevista concedida a Revista Famecos. A televisão é uma forma de vida. Porto Alegre, dez 2001, n. 16, quadrimestral, p. 18-35.

_____. A Máquina de Narciso – Televisão, Indivíduo e Poder no Brasil. Cortez, São Paulo, 1990.

www.sbt.com.br/supernanny

www.ibope.com.br

www.tudosobretv.com.br

APÊNDICE A _ Transcrição do *grupo focal*

MARCELLE: Por que vocês assistem ao programa “Supernanny”?

JOSÉ CLAUDIO: Por que que eu assisto? Porque sou curioso, acho engraçado a entrada dela no programa com aquele carro. Ela tinha um PT Cruiser, né?

MARCELLE: Ela tem hoje em dia.

JOSÉ CLAUDIO: Ela tem hoje em dia um PT Cruiser?

MARCELLE: Tem. O Picasso é do programa antigo.

JOSÉ CLAUDIO: O Picasso... Ah tá, isso. E acho engraçada a entrada dela no programa, aquela formalidade toda, com aquelas casas todas bagunçadas. As roupas jogadas pra tudo quanto é lado...

MARCOS: Ué, faz parte do cotidiano, né? No cotidiano a gente vê que as famílias estão mesmo desagregadas, cada vez mais os pais, pai e mãe tão mais ausente e com isso, deu no que deu, né? Deu no que deu... E vocês concordam? Vocês não acham isso também? Vocês...

TAISI: Eu assisto o programa meio por falta de opção. Pra começar, que geralmente, esse horário, sábado esse horário eu não estou em casa e quando eu chego em casa, assim, eu não gosto de assistir a novela das oito. Aí, eu acho que é o melhor programa que passa no horário, então eu assisto.

RENATA: Quando eu comecei ver foi por curiosidade, pra saber como que era o programa e em seguida eu fui observar que as pessoas falavam que era assim, que servia pra você utilizar dentro de casa, pra usar os métodos que ela utilizava, que dava certo. Aí fui observar e comecei a analisar. Aí eu vi os pontos positivos, os pontos negativos do programa. Comecei a observar estas coisas, que servia, que eu poderia utilizar na minha vida e outras que não poderia ser utilizadas.

DANYELLE: Assisto porque ali você vê os pais que estão um pouco perdido, né? Na questão de o que faço com os meus filhos? E ela dá esse rumo, esse norte pra eles. Porque assim, eu acredito que os pais hoje, eles tão saindo de uma educação muito, não é tradicional, aquela educação assim, muito firme, né... Muito rigorosa dos pais antigo, né... Tipo, na [minha...](#)

MARCOS: O pessoal chama de tradicional, uma educação tradicional...

DANYELLE: A educação tradicional que eu digo assim aquela educação do nada pode, tudo é proibido...

RENATA: Autoritária!

DANYELLE: Isso!! É, faltou o termo certo: autoritária! Aí você fica assim: hoje, esses filhos que sofreram isso, são os novos pais e eles assim tão ah, eu não quero ser autoritário com meu filho. Aí ele acaba se perdendo porque ele não sabe até aonde que ele vai ser “liberal”, entendeu? Ou vai que o filho não ache que ele não ama ou que ele tá fazendo aquilo porque ele não quer errar. Os pais hoje não querem errar e nessa ânsia, nessa ansiedade de acertar, de saber qual é o melhor caminho, eles ficam meio perdidos. Porque já teve alguns outros programas que eu vi que era só assim questão...O problema deles que nem esse que nós vimos hoje, a questão era a autoestima da mãe. O pai também tava meio ausente, mas teve outros programas que assim, os dois tavam sem saber o que fazer. Eu to com a criança ali e eu não sei o que fazer. Mas ah, eu não posso chamar a atenção porque senão tô sendo autoritário e daí ele vai se anulando, não sei... Vocês tão conseguindo entender o que tô querendo dizer?

RENATA: Eu só não falei esse ponto como os pontos que eu observo porque senão ia fugir da pergunta dela. Aí como ela não fez a pergunta eu não respondi na questão desse lado.

MARCELLE: Não tem problema...

RENATA: Porque o que eu observo no programa hoje é que, que os problemas todos são os pais porque eles não sabem como lidar com a situação e geralmente, todos os problemas são devido a com as frustrações deles mesmos, os problemas que acabam causando a não saber educar aquela criança. Porque quando os pais, se vê que não é quando a criança que muda, quando os pais mudam, as crianças mudam. Ela até falou, que eu anotei, que ela falou assim que eu trabalho primeiro com as crianças e com a família, na verdade ela trabalha com a família pra poder resolver o problema das crianças. Acho que 90% ou mais, pelo o que eu já vi...

EDNA: Ela primeiro trabalha com os pais pra depois trabalhar com as crianças.

MARCOS: Naquele caso ali tem a autoestima dela...

RENATA: Porque na verdade, os problemas não são nas crianças, estão nos pais que não sabem lidar com o problema, que é a falta de atenção. Aquele caso tem a falta de autoestima dela, os problemas emocionais dela interno, ela ficou sem expectativa de vida e com isso ela ficou sem expectativa na família dela, com o esposo dela e o esposo também por falta também de incentivo. Porque acho que tudo na vida é uma questão de incentivo, né? Se não tiver incentivo pra nada você não... Igual quando acaba os sonhos. Quando acaba os sonhos você vai viver em função de que, né? Exatamente isso, acho que as crianças, os pais eles perderam esse referencial. Eles não sabem como, não como lidar com as crianças, não sabem lidar com os seus problemas e consequência disso, acaba acarretando os problemas pras crianças.

MARCELLE: Então vocês acham que por isso eles se inscreveram no programa?

RENATA: Não, mas eles não acham, eles não tem consciência disso.

DANYELLE: Eles não tem consciência disso!

RENATA: Mas se você observar, todos os problemas, que eu observei nos programas que eu vi, todos eles os problemas são nos pais, não nas crianças. Que o cantinho na verdade, a técnica que ela usa, eu acho que isso não surte efeito, assim, pode até ajudar, mas não surte efeito. O que surte efeito é a mudança dos pais em relação à criança. Porque às vezes é falta de atenção, é falta de carinho, é falta de uma rotina, não rotina, mas uma falta de estrutura. Como é que eu vou fazer no meu dia-a-dia. Não sabe brincar com as crianças, não dão atenção à criança. A criança às vezes começa utilizar de certos comportamentos porque o pai utiliza, se essa criança grita é porque a mãe tá gritando com ela, ela aprende. Como ela nunca viu grito na vida dela, como que ela aprende? Através do meio em que ela vive. Eu vejo como ponto positivo assim, porque eu não vou chamar a Supernanny na minha casa, entendeu... Aí o que que eu faço? Pôxa isso aí é coisas que às vezes eu faço com meu filho. Pôxa às vezes meu filho tá levado, tá fazendo certas coisas, pô realmente eu faço isso, eu deixo a desejar...

MARCELLE: Então você não se inscreveria no programa?

RENATA: Não, acho que expõe muito sua vida, entendeu? Acho que é muito exposto assim e você sabe que o problema não tá nas crianças. Eu não vou chamar a Supernanny pra ver que os problemas estão em mim. Por que eu vou chamar ela?

MARCELLE: Alguém se inscreveria?

JOSÉ CLAUDIO: Me inscreveria. Ela pode ajudar um pouquinho até. Talvez na educação...

MICHELLE: Eu acho que quem se inscreve no programa é porque já tá sem rumo. Tá literalmente perdido, não tem noção de que é você que causa na criança, acha que a criança que é culpada e por isso... Quem tem alguma noção não se inscreve num programa porque vai procurar ajuda.

RENATA: Nela mesma.

MICHELLE: Vai procurar resolver.

RENATA: Porque que os problemas tá nela mesmo.

MICHELLE: Na relação dela com a família. Porque às vezes os pais... a família tá ruim porque os pais dão mais atenção no trabalho, em conseguir dinheiro, do que na própria relação familiar.

MARCELLE: Então se inscrever no programa seria um ato de coragem ou de desespero?

MICHELLE: Eu acho que é de desespero.

MARCOS: A única via, o único caminho que ela encontrou no momento. De repente são pessoas que não tem um bom relacionamento ou nunca tiveram um bom relacionamento com o pai, com a mãe, com o irmão, não tem proximidade... É muito família ali, naquele espaçozinho dela, só vive ali. Não se relaciona muito com os

outros. Então ela não viu ali ninguém de confiança que pudesse conversar, falar ou alguém que pudesse interferir. Deve ser aquelas casas assim que vão pouca gente, eu até suponho... Tô até imaginando, que tem ninguém que possa aconselhar, que ela tenha alguém de confiança...

MARCELLE: Será que a família não tem noção do quanto que elas vão se expor participando deste programa?

MARCOS: Olha, eu acho que não tem essa noção. Porque ela prefere uma solução para aquele problema que já a deixa tão angustiada que ela já não vê nem mais nenhuma expectativa, eu não sei... Naquele impulso de ver um programa que ajudou alguém e vê naquele programa, né, algo que pudesse ajudá-la, então ela na mesma hora pega um telefone ou vai num site, eu não sei como se faz a inscrição, né, vai lá faz a inscrição. De repente ela pensa assim, ah não vou conseguir, mas vou botar aqui, se for depois eu vejo como é que fica...

MARCELLE: E a reação dela quando a Supernanny chegou?

DANYELLE: Ela sabia que ela ia chegar

MARCOS: A reação, bom, tá aqui então vamos ver se... A salvação!

RENATA: A salvação! Chegou, assim, minha única salvação. É essa! Se não for ela mais ninguém pode me ajudar. É questão de desespero, por isso que eu acho que é uma questão de desespero mesmo né...

MARCELLE: Porque, apesar das câmeras, ela se mostrou emocionada...

MARCOS: Até porque eles se preocupam também em não denegrir a imagem da pessoa por mais que de repente, como é um programa televisivo, ela tem uma edição né. Eu creio até que ali possa até ter havido alguma coisa até mais contundente, alguma coisa que pudesse... Eles tiveram essa preocupação. Eu penso, eu acho...

MARCELLE: Na vida da mulher?

MARCOS: Não, pra passar o programa ali... Né, pode ter alguma coisa, mas foi editado porque aquilo não interessa a exibição daquelas partes porque pode prejudicar tanto o programa quanto a imagem da pessoa que se propôs...

RENATA: Acho que eles focam mais a parte onde vai tá o problema. Se o problema tá na mãe pela forma que ela age com a criança e a falta de expectativa de vida dela, vamos focar na mãe... Aí como eu falei, um trabalho com a mãe... Levou ela pra tirar foto pra que a autoestima dela melhorasse. Por quê? O problema tava nela. Tava claro ali. Em relação ao pai, mas o pai também tava assim por quê? A mulher que ele tinha dentro de casa, né. Que tava cansada da vida, sem estímulo pra nada, então não tinha troca de nada. No final que você vê um carinho, um certo carinho porque você vê totalmente separado, o tempo todo, não se abraçam, sabe, não tem cumplicidade.

MARCELLE: Mas vocês não acham que foi por causa das câmeras, por exemplo? Eles são assim mesmo ou não demonstraram afeto por causa das câmeras?

RENATA: Porque ficou desgastado. Não, é porque o casamento tá desgastado. Não sabe nem como lidar com aquilo. O casamento realmente tá desgastado...

MICHELLE: A câmera influencia, mas eu acho que quando você não tem uma relação você não consegue dar um carinho forçado demais, entendeu... Eu acho que influencia sim táto os pais tentam fazer uma coisa assim melhorzinha porque tá na câmera. Se eu não sei o que fazer, o meu melhorzinho não vai ser uma coisa muito boa. Eu acho que influencia, mas é a mesma coisa você ir pro um psicólogo familiar. Lá no psicólogo você não vai falar um monte de, você não vai falar os problemas. Você vai começar a pincelar, fingir que tá tudo bem, só que vai chegando as sessões, chega uma hora que surge, entendeu... Surge, o problema.

MARCELLE: Não consegue mais esconder.

MICHELLE: Eu acho que é a mesma coisa. Ela faz um trabalho mais de psicólogo no início do que de educação. Ela faz trabalho de psicólogo.

RENATA: Isso que eu falo, não é o método que utiliza, mas é a forma que ela trabalha primeiro com os pais pra saber lidar com os filhos.

MICHELLE: E mesmo as técnicas que ela dá, é tudo mais psicológico do que...

RENATA: É em forma de incentivo, né. Você vai ganhar um prêmio, você vai ganhar isso... Se você não tem um estímulo, a pessoa acaba não fazendo também, não tomando consciência do problema. Isso que eu to falando...

MARCELLE: E vocês aqui assistem ao programa, mas vocês conhecem outras pessoas que assistem ao programa? Dentro da casa de vocês, fora...

RENATA: Muita! Muita gente assiste. Minha tia assiste e fala que o Pedro é muito levado. Tá bom pra você vê, aí, resolve! Eu falo assim, bem, o problema não é isso, né? Tem enes problemas. Não é uma coisa isolada. Como se existisse uma receita pronta.

MARCOS: As pessoas que eu já vi que viram o programa eles ficarão assim, poxa como pode aquilo acontecer, ah fica até dúvida com relação que aquilo aconteça ou não aconteça. Ficam na dúvida sobre aquele acontecimento, mas até conversando depois, não mais existe mesmo aquele negócio porque realmente, não é o caso deste programa que fala a respeito de uma mãe que se ausentou, quer dizer, ela se aniquilou. Isso refletia na relação dos filhos. O pai, por sua vez também, não teve compreensão e se anulou também e deixa como é que ta pra vê como é que fica ,né...

RENATA: Desiste!

MARCOS: É, não é o caso, mas existe outras situações que os pais e mães né, estão ausentes, deixa por conta da avó, por conta da babá né, e quando chegam querem fazer alguma interferência e não podem fazer como: vá dormir! Tá na hora

do seu almoço! Tá na hora da sua janta! Você já tomou banho? Olha a toalha em cima da cama, em cima do sofá! Ó, não pisa aqui! Vamos arrumar os seus brinquedos! E uma série de coisas do dia-a-dia que tem que ser regrado, né? Porque senão a vida vira uma bagunça, né, se não for regrado. Não é assim, a gente não vive assim, né? Mas a partir do momento que não se regra vira bagunça. Então esses pais que chegam em casa e ficaram ausente esse tempo todinho não conseguem dar conta de estabelecer regra naquele momento, aí...

MARCELLE: Você acha que o programa ajuda estas pessoas. Não só as pessoas que participam do programa, mas aquelas que assistem também?

JOSÉ CLAUDIO: Ajuda, ajuda a organizar a vida delas.

EDNA: Eu acho que ajuda. Ajuda sim porque ela ta ensinando, né, como lidar com as crianças e como lidar com eles mesmo. O programa ajuda.

DANYELLE: E, no caso, na prática. Ela ta mostrando um exemplo prático, ela ta mostrando a situação e, se for ver bem, os programas quase não muda muito. É sempre o cantinho, sempre a rotina... As técnicas são as mesmas, só muda o contexto de cada família. No caso você pode adaptar pra sua.

MARCELLE: Então seria uma forma de orientar as pessoas que estão assistindo? Elas assistiriam ao programa pra terem exemplos...

MARCOS: Não, tem sim...Tem exemplo, exemplo tem.

RENATA: Eu acho que, não vejo que as técnicas que resolvam. Acho que os problemas do cotidiano de cada um pode servir de referência. Pô, é realmente isso que eu faço. Você acaba se vendo e acaba tentando consertar a partir do momento que você viu e puxa, realmente eu faço isso. Que, às vezes, você não tem ciência do que você faz no dia-a-dia. Uma pessoa de fora que tem que te analisar. Por isso que é muito difícil quando alguém te pede assim, dá uma nota no teu trabalho. É horrível! Você se autoavaliar é muito ruim. Você não quer, então é mais fácil a gente avaliar o outro. Então, é a mesma coisa na nossa vida também, no caso do programa, como

que você é como mãe? Você brinca? Você faz isso? Você faz aquilo? Então quando você vê o programa você se pega em situações que você faz. Aí, você poxa, meu filho então tá assim devido a isso, entendeu? Eu acho que falta, assim, essa questão de consciência dos pais, que eles não tem e devido a esses problemas da falta de consciência acabam não obtendo regras, o que fala que funciona, mas não é, porque tem famílias que não tem regras. As crianças fazem o que quer, comem o que querem porque os pais deixam, permitem, são permissivos. Mas por que que eles são permissivos? Porque eles não conseguem se estruturar. Às vezes até familiarmente também, devido as frustrações dela com o marido também, ela deixou de lado. Tanto a vida dela quanto a família dela. Ele também não ajuda, ela se sente mal...

MARCOS: Com relação aquele programa ali, eu acho que ele ficou assim um problema resolvido pela metade, na minha opinião. Por que aonde que faltou a outra metade? Porque ali ela trabalhou com a mulher, elevou a autoestima... Gostei muito daquela dinâmica em que pega aqueles sacos, esvaziar, tirar aquele peso que a atordoou durante muito tempo e agora vão encher com coisas boas, mais leves, né. Mas ela elevou a autoestima dessa mulher...

RENATA: Naquele momento... Será que depois vai continuar?

MARCOS: Não era exatamente esse ponto que eu queria levantar. É com relação a ele, entendeu? Porque ele viu tudo acontecer e não fez nada e não foi feito um trabalho em cima dele. Porque ele se ausentou, tanto dos filhos, tanto da própria mulher porque ele não se viu no espelho, porque ele quando casou também ele era de um jeito, né? Depois o corpo dele modificou, o jeito dele modificou também como ela se modificou. Se modifica, isso é fato! Isso não tem como a gente sair desse modo. A pessoa se modifica, né? Mas só que ele esqueceu de olhar pra ele mesmo, né? E daí, inclusive, como ela mesmo disse ele se ausentou, ele pouco se ligou pros filhos. Teve até aquela briga, você fica não fica. Acho porque a Supernanny tava lá, então ele começou a fazer interferência lá...

MARCELLE: Queria mostrar ser um bom pai porque estava sendo filmado...

MARCOS: Queria mostrar serviço... Mas aí ficou faltando o trabalho em cima dele.

RENATA: É mais eu acho que eles focaram mais ela e não ele, senão porque o problema em relação às crianças tava sendo nela e porque ele estava reagindo, eles tava se entendendo, tipo na sociedade mesmo. Ela realmente, as pessoas envelhecem claro, elas se modificam. Mas eles tavam vendo que a falta de amor entre eles e que ele perdeu aquele amor, aquele encantamento porque ela se transformou em uma outra pessoa, por mais que isso não justifique, mas infelizmente a vida é assim. Se engordar muito... O homem engorda, isso é a realidade, a mulher continua com o homem. Mas se a mulher engorda, o cara você ta gorda, você ta isso, ta aquilo... Mas eu acho que isso...

MARCOS: Não é regra geral...

RENATA: Eu sei, não é regra geral Marcos, Mas é 80% da sociedade, é isso...

MARCOS: Isso é o, como é que se diz, é o sistema. As propagandas que dizem que você tem que ficar magro. Acaba influenciando a mulher, mas aí já é uma outra... Bom, é minha opinião.

RENATA: Ele começou a mudar a partir do momento que ele perdeu o desejo pela esposa dele, do jeito que ela ficou, tava desleixada, sem expectativa de vida, sem ânimo, sem nada... Ele começou a perder a vontade de ter ela como esposa e querer ir pra rua. Não tem interesse nenhum em casa. De repente, to falando assim, isso é o meu ver, eles acharam assim. Se ela tivesse uma expectativa de vida e começasse a melhorar, não só por ela ta gorda não assim, por que ela melhorar como pessoa, assim, a se aceitar, mas se cuidando e tudo, acho que poderia modificar o marido. Porque acho que o problema da modificação dele seria nela. Por isso que eu acho que eles focaram mais nela.

MICHELE: Mas aí, a gente viu um pedaço. Tipo, a família já desestruturada. Será que ela não ficou assim por falta de carinho e compreensão dele desde o início? Então eu acho complicado jogar a culpa pra um. Porque a gente viu o resultado final. A gente já viu... Mas já no início...

RENATA: Mas quando ela chegou, ela chegou no resultado final.

MICHELE: Não, sim, mas por que que chegou ali?

TAISI: Eu acho assim: a mulher fica mais tempo em casa com as crianças. Ela que ta ali. Então ela precisa ter o maior controle sobre a casa, sobre as crianças e ela também tem que ta bem pra receber o marido quando o marido chega em casa. Porque ele na vida dele trabalhando, ele também encontra diversas dificuldades. Se ele chega em casa e encontra uma mulher que ta gritando com as filhas, que ta fazendo uma coisa e tá fazendo outra, como ele vai ficar? Eu vou sair, vou procurar meus amigos que lá eu vou ter um refúgio. E outra coisa assim, eu não vejo a atitude dele com a chegada da Supernanny em tentar ajudar, em fazer, “vamos dizer assim”, aparecer, não vejo como uma atitude negativa. Porque se a família chamou a Supernanny lá pra mudar um pouco aquela situação, por que não começar mudar com a chegada da Supernanny? Eu saio, mas hoje eu vou ficar em casa, hoje eu vou ajudar, vou mostrar que eu to disposto realmente pra essa mudança.

MARCOS: Se tivesse que falar, se a Supernanny tivesse que falar do, fazer uma dinâmica com o marido, aí seria um segundo programa. Acho que até tem essa preocupação em compactar as resoluções dos problemas, porque também num programa não cabe tudo

MARCELLE: Pegar o que eles querem dar mais foco,né...

RENATA: Isso que eu to falando. O foco seria mais na mulher. Ela melhorando, automaticamente o marido vai melhorar. Vai começar a ver com outros olhos, vai começar querer vim pra casa.

GUILHERME: E vira uma bola de neve. Ele se ausenta porque ela ta descontrolada e ela se descontrola porque ele não ta presente.

MARCELLE: Fica um colocando a culpa no outro...

MICHELE: Eu não concordo, vamos dizer, com que a Taisi falou. É óbvio que ela tem que ta bem quando o marido chegar. Mas por que ela tem que ta bem quando o marido chegar? Ele também tem que ta bem quando chegar em casa. Do mesmo jeito que ela tem problema, ele também tem. Eu não concordo com essa idéia de que a mulher tem que ser a boazinha. Vamos dizer que hoje o meu dia m casa tenha sido mais complicado, as meninas chegaram mais agitadas da escola. É a vez dele, mesmo com problema em casa, chegar disposto a me acalmar, a conversar com as meninas. Um outro dia, eu vou ajudar... É uma troca.

RENATA: Eu sei, mas só que o problema é que ele não está sem expectativa de vida,não. Ele continuou saindo, tendo a vida dele lá fora. O problema dele é em casa. Ela está sem expectativa de vida dentro e fora.

MICHELE: Ela não tem expectativa fora porque ela não tem vida social. Ela vive presa dentro de casa porque ela tem que cuidar da família porque ele não ta ali pra dividir.

RENATA: Ela fica sem expectativa porque ela mesma não se aceita.

MARCELLE: E ela aceita que ele saia.

RENATA: Porque ela acha que a culpa é dela.

MARCELLE: Voltando a essa questão de que ela ta cansada porque tem muitas coisas pra fazer e ele por trabalhar fora. Então, neste programa não mostrou isso, mas os outros programas que ela faz, ela mostra que as crianças ficam com outras pessoas. O pai trabalha fora, a mãe trabalha, ou então a mãe às vezes nem trabalha, mas não tem paciência pra ficar o dia todo e começam a colocar as crianças com terceiros. Babás, avós, na creche... O que que vocês acham disso, de terceirizar a educação do filho? Se é isso mesmo que eles estão fazendo: estão terceirizando a educação ou é por necessidade ou essa necessidade tem uma comodidade escondida...

MARCOS: Na minha opinião, não tem mais como fugir deste sistema, né, que já foi colocado. Já até, uns colegas já sabem, já me coloquei várias vezes dentro da sala de aula com relação a essa coisa de criança com três, quatro, cinco anos de irem pra escola. Na minha opinião, elas teriam que ficar em casa junto com os pais. Mas só que a coisa mudou, né? Taí o consumismo e a vida mudou, o sistema mudou e as crianças ficam toda problemática, a família com problema porque os filhos estão saindo com a cara da babá, com a cara da avó, com o jeito da avó. Mas só que lá no final, ou seja, no final da vida, quando ficar mais adulto, na hora que tiver que tomar as decisões, quem vai ter que tomar as decisões ou ajudar nos problemas são os pais. Não vai ser a avó, nem a babá. Daí é muito fácio, bota no colégio, ficar o tempo itegral no colégio, mas e os pais? E a vida familiar? Se jogou? Se perdeu? E daí acontece isso que ta acontecendo, terceirizar a vida de casa. Tá entrando as babás, ta entrando as vovós, que entre aspas, deveriam fazer uma coisa mais produtiva, mas já se diz na tradição que a avó quando se aposenta ou fica viúva, por aí a fora, aí vão o que? Vão cuidar dos netos. Parece que já é uma...

DANYELLE: Uma função pré - estabelecida.

MARCOS: Dentro da sociedade. É isso que a gente pensa. Mas só que a avó, se fomos analisar pela idade, ela vai primeiro do que os pais e lá na frente, a referência dela que era a avó, não existe mais e os pais vão querer e não tem mais como controlar as atitudes...

MARCELLE: Então qual seria a solução? Assim, os pais precisam trabalhar fora e tem filhos...

MARCOS: Eu não tenho solução pra isso no momento... Não tenho!

MARCELLE: Alguém teria?

TAISI: Eu acho assim, que esta questão não é uma coisa negativa. Por exemplo, vou dar um exemplo meu, da minha família. Minha irmã trabalha, o marido, meu cunhado também e os meus sobrinhos estudam em horário integral. Entram às sete e saem às cinco. E assim, antigamente não era assim. Ela morava na minha casa e

minha sobrinha só estudava meio período e ela ficava lá com minha avó, com a minha mãe, comigo, com quem estivesse em casa ele ficava. Minha irmã se mudou, minha sobrinha foi estudar em horário integral e assim, tudo em relação a minha sobrinha, em relação dela com a mãe, com o pai melhorou muito. Minha sobrinha era uma criança, assim terrível, terrível mesmo. Hoje em dia minha sobrinha é uma criança super calma. E assim, a gente viu que essa questão dela estar um pouco mais longe da família num piorou em nada, entendeu? De certa forma até ajudou.

DANYELLE: Olha, eu imagino que, nesta situação, pai e mãe precisando trabalhar, a diferença que eu vejo assim, olhando de fora, que a diferença daquela família que dá certo como no caso da sua sobrinha lá e as que tão com problemas é a qualidade do tempo que você dá pro filho quando você tá junto. Ele pode ficar o dia todo na escola, mas quando você vai buscar ou quando ele chega com a van, o transporte tal, é como que você recebe, o que você faz com ele, o que você conversa, o que você brinca... Ah, vamos fazer o dever? Então vamos, junto... Aquela coisa família mesmo no momento que ele tá em casa. Final de semana. Como que funciona esse final de semana? Ah, é como a gente viu ali: ela só sabe gritar, brigar com as crianças. Então, a qualidade de convivência dos pais com as crianças não é boa, então vai tendo problema. Não é a questão dela tá estudando o dia inteiro ou meio período ou ficando só com a avó ou ficando com a babá que vai ser a grande diferença ou que vai ter muitos problemas no futuro. Eu imagino que seja isso, você ter essa qualidade do tempo com a criança. Mas só que daí tem também aquele negócio de ah, tenho meus problemas o dia inteiro, ah porque eu trabalhei e aconteceu isso e aquele outro, chega em casa eu quero tranquilidade, mas não tenho porque eu tenho duas crianças, elas são pequenas, elas sugam. Porque elas sugam nossa energia, né? Ela quer atenção, ela quer brincar, principalmente ela não te viu o dia todo. É o pai, é a mãe, eu não vi! Ai, porque eu tenho que contar pra ela o que eu fiz, porque meu amiguinho brigou com outro amiguinho, ai porque eu também briguei, porque eu bati, eu puxei o cabelo... Ela quer contar! Assim como a gente que é casado chega em casa quer contar pro marido o que aconteceu, ai, porque hoje eu fiz isso, fiz aquilo... O marido também, ai, porque eu fiz isso... Como que eu me senti! A criança também quer, só que da maneira dela. Ela vai querer contar pra mãe, pro pai, o que ela fez, o que ela deixou de fazer e aí no caso não tem essa abertura. Porque os pais querem mais que ela vai dormir logo pra ele

poder descansar ou terminar de trabalhar, porque tem uns que levam trabalho pra casa, então ainda tem que trabalhar mais um pouco. Então eu acho assim, se você se dispôs a ter um filho ou não planejou, mas agora tenho, então você tem que ter aquela consciência tá eu tenho, agora eu tenho que trabalhar tudo bem, mas quando eu tiver co meu filho a qualidade do tempo que eu to com ele tem que ser boa. Eu tenho que escutar, eu tenho que brincar... Aqui, todos trabalham em educação, não?

TODOS: Sim!

DANYELLE: Então, a gente não ouve nas nossas formações continuadas, no nosso curso mesmo de Pedagogia, eles não tão mandando a gente escutar a criança. Educação infantil, você não tem que brincar com a criança, escutar o que ela quer. Às vezes chega a criança com problema em casa, porque o pai brigou com a mãe e ele ouviu. Ele quer contar! Pra alguém, porque ele não tem essa abertura de conversar em casa. Então ele vai conversar com quem? Com a professora, com a babá, com vovó, entendeu? Aí no caso, nós como educadores, a gente chega para um tempo, conversa com ela... Até você pode observar que a partir daquele momento que você deu essa atenção, de você conversar com ela e ela cotar o que tava sentindo naquele momento, você observa que a atitude da criança muda. Porque ela vê, ah ela me entende, pelo menos ela me escutou. Então eu não vou ser tão peralta. Dentro de sala de aula, o que a gente consegue muita mudança é isso, é esse respeito, esse carinho, é esse escutar o outro que agente ta fazendo esse exercício diariamente.

MARCELLE: Que estaria faltando em casa...

DANYELLE: Que estaria faltando em casa.

RENATA: Concordo 100% do que você falou. Eu acho também que a gente não pode se anular como pessoa. A gente não pode viver só em função dos filhos porque a gente cria filho pro mundo, né? Então a gente também tem que ter seu tempo. Eu já vi programa que às vezes a mãe parou de trabalhar e ela começou a descontar as frustrações dela na criança. E a Supernanny fala exatamente isso. A

função do programa Supernanny não é educar as crianças é detectar onde está o problema, que é nos pais, trabalhar com os pais e depois trabalhar com as crianças. O método mesmo, eu não vejo que funcione. Ajuda, mas não funciona. Porque você vê no final mostra a menina fazendo birra ainda e ela diz continua com o método porque isso é um processo e não uma questão de consciência da criança. Olha você ta fazendo coisa errada, pensa. Será que quando ela ta sentada , ela ta pensando no que ela fez? Não sei...

MARCELLE: Vocês acham que ali o programa reality show, no caso traz a vida da pessoa a público. Só que vocês acham que ele realmente traz isso, né, fiel? Ou ele é fabricado? Ou ele, como Marcos falou que faz a edição. Mas vocês acham que edita ao ponto de ser fabricado. Assim de querer passar alguma informação pro público...

JOSÉ CLAUDIO: É fabricado. Posso até me contradizer também, mas é por causa dessa formalidade mesmo. Eu acho que se fosse tipo, um programa, um reality show assim BBB, de uma coisa assim, mas você vê que a entrada dela é uma coisa meio forçada. O portão já está aberto. Ela já entra dentro de casa. Como é que, ela entra e já ta a câmera lá dentro?

MARCELLE: É porque a câmera já fica um tempo antes, filmando a família.

JOSÉ CLAUDIO: Mas eu acho meio fabricado mesmo. Acho que ela só fica ali durante o programa. Acho que antes do programa e depois, acho que ela não atende essa família.

MARCOS: Ele quer passar uma informação... Não passa na forma integral não, mas passa.

DANYELLE: O que aconteceu realmente, todas aquelas gravações. Porque fica uma câmera na casa quando ela sai, não fica? Então, eles mostram apenas flashes. Mas eu acredito que pelo foco, pelo que eles querem fazer, na seleção da família, eles já escolhem o que eles querem, já escolhem o problema, no caso. Porque a pessoa,

quando ela faz inscrição, com certeza, ela fala o que que ela tem, o que ta acontecendo com ela.

RENATA: Porque eu nunca vi, eu particularmente nunca vi, um caso que o problema tenha sido com a criança. Todos eles são com os pais. Como os pais lidam com a criança. Que ela é realmente agita porque ela é hiperativa, porque ela tem um problema, que tem que ser feito um tratamento, independente do jeito que os pais trabalham. Agora, como lidar com uma criança que tem problema de autismo? Eu não sei... Se aquilo fosse realmente uma coisa pronta, que funcionasse, as técnicas que ela usa, ia funcionar com qualquer tipo de criança

MARCOS: Me permita voltar um pouquinho atrás que ela falou e a Marcelle entrou em outro assunto.

MARCELLE: Pode falar, aqui pode tudo.

MARCOS: Com relação a família que você (Danyelle) falou, eu admito, dou a minha mão a palmatória com relação a questão de família. O que que eu tenho de concepção de família? Pai, mãe e filho reunido numa mesa, sentado... O tempo hoje são outros. A construção de família é diferente. Por conta disso é que eu não consegui anda achar qual é o papel do pai, qual é o papel da mãe, como o filho vai poder ser encaminhado... O que eu estou vendo que o Estado, o governo, eles estão cada vez mais avançando, entrando dentro da família e fazendo o que? Interferindo! Nas relações...

MICHELE: Mas tão interferindo porque a família não faz nada, não faz seu papel. Qual o papel de mãe e de pai? O papel educação em geral da família que continua a mesma de antigamente. A questão é o tempo como ela (Danyelle) falou. Se o pai só está de noite em casa, então vamos sentar pra jantar? Vamos conversar? Vamos contar o dia? E aí o que eu acho, família é isso é pai, mãe e filho. Quando entra vó, tia pra cuidar, eu acho mais complicado do que quando entra uma babá. Porque vó e tia tem uma criação diferente da minha concepção, do meu marido. Porque normalmente você quer fazer uma coisa diferente do que a sua mãe e você tem que juntar com o diferente do seu marido. Então quando chega a avó, passa o dia todo,

você perde a autoridade como mãe porque a autoridade vai ser da avó porque ela também é parte da família. A terceirização ali da família eu acho complicado quando entra alguém da família mesmo. Porque a relação da criança é: eu obedeco a minha avó, a minha mãe, a minha avó, a minha mãe.

MARCOS: É quando o Estado começa a interferir na família né, inclusive, várias situações que eles estão colocando em lei, que a família não pode fazer isso, não pode fazer aquilo e realmente os tempos são outros, o pensamento é outro. Então esse jeito, essa maneira... O que que é uma família hoje em dia, com sinceridade, ainda não consegui encontrar. A família que eu conheço é essa mais um pouquinho pra trás. Pai, mãe, filho. Você vai ver hoje até na relação dentro do colégio, você não pode fazer uma reunião com os pais, você tem que fazer uma reunião dos responsáveis. Porque a figura do pai e da mãe a gente já não pode mais contar com isso, porque nós temos lá a madrasta, o padrasto, né isso? É o filho que mora com a avó, a mãe foi embora, o pai largou.

MICHELE: Pai e mãe, hoje em dia, não é o biológico. Pai e mãe é quem vive com a criança. É o avô e a avó? Então pai e mãe da criança é o avô e a avó.

MARCOS: Exatamente. Assim, os responsáveis...

MICHELE: Quem vive com a criança. Esse é o pai e mãe. Se a criança vive com a mãe que é mãe solteira e mora com a avó. Quem é o pai e a mãe daquela criança. São as duas pessoas que são responsáveis por educar aquela criança. E convivem para educar aquela criança. Então é independente se é dois homens, duas mulheres, se é tio, se é tia.

MARCOS: Nem fui pra isso, mas bem lembrado.

MICHELE: Não necessariamente o casal. Independente disso.

MARCOS: Bem lembrado isso aí, bem lembrado.

MICHELE: Quais são as duas pessoas ou qual é a pessoa que convive pra educar aquela criança.

MARCOS: Eu não sei mais o que que é família

MICHELE: Família é quem convive junto.

MARCOS: Eu não tenho ainda a resposta.

MICHELE: Família é quem convive junto. Quem é o responsável, é a madrasta e o pai. Então, é a madrasta e o pai. É uma tia que adotou porque a mãe morreu? Então é a tia que é a mãe daquela criança.

RENATA: Assim em relação ao programa, não sei porque eu não vejo sempre. Houve já casos de mostrar que a criança ta levada, ta rebelde. O chamariz do programa é isso, né? Se a criança ta levada como que vai ser , como que você pode melhorar sua vida, de relação a pais separados. Tem no programa?

MICHELE: Não sei no Supernanny, eu vejo a inglesa e mostra mais coisa. Até acho mais construtivo porque mostra famílias diferentes, situações sociais diferentes, problemas diferentes e não passa uma coisa padrão.

MARCOS: Qual programa?

MICHELE: O inglês.

MARCELLE: Porque o programa Supernanny é baseado na versão inglesa.

MARCOS: Ah, tem a versão inglesa? Ah, eu não sabia...

MICHELE: Porque a Supernanny é sempre assim: horário, aí bota aquela plaquinha e o cantinho. Tipo, ela não tem uma outra dinâmica. O outro não, cada família ela faz uma dinâmica diferente, a estrutura soxcial daquela família é diferente. Aí ela faz,

óbvio tem o horário, mas a dinâmica é totalmente diferente,. A Supernanny não, a dinâmica é sempre igual. Quer dizer a minha família é igual a sua? Não é...

RENATA: Você falou um ponto chave. A estrutura da classe diferente. Mas você já reparou que as classes sociais são tudo média e alta?

TAISI: Eu acho que essa é a questão, né? Quando eles selecionam a família eles já vão moldando. Porque vai acontecer do início até o final. Ele vai escolher a família que vai se adequar a esse método.

MARCELLE: Mas por que será que eles só pegam pessoas assim?

RENATA: Para as técnicas funcionarem. Será isso?

DANYELLE: Ou também porque ela tem produtos pra vender, né... Quem vai comprar? O pobre não vai comprar. O pobre no máximo vai adaptar como a gente sempre faz na escola. Ah, tem um brinquedo lá que você achou muito interessante. O que você vai fazer? Vai pegar sucata e adaptar. Você vai fazer um brinquedo parecido com aquele só que não com a mesma qualidade, óbvio né... É de sucata, mas você vai ter, vai ter o brinquedo.

RENATA: O que eu acho, a questão da criança, ela modifica totalmente. Qual o contexto daquela criança? Se ela tem comida em casa, se tem isso, se tem aquilo... O contexto que ela vai ta vivendo. Aí vai modificar a forma do programa. Acho que ela é mais voltada pra esse tipo de classe né. Que é uma coisa assim mais moldada, que as técnicas vão aparentemente, porque no final nem sempre, continuem com a técnica que vai melhorar. Mostra uma vez só a criança e dando certo e não sabe que aquilo vai dar certo...

MARCELLE: Nós estamos falando da postura da Supernanny, no caso ela pega um modelo para todas as famílias e um aspecto que eu reparei e vocês provavelmente repararam, são as roupas da Syupernanny. Eu queria que vocês falassem por que que ela troca de roupa? Ela chega na casa com uma roupa que é um terno e depois

ela muda. Vocês acham que tem alguma informação que ela tá querendo passar para o público?

JOSÉ CLAUDIO: Como eu falei, a formalidade, aquela roupa formal dela, eu acho legal. Eu acho que ela deveria manter daquele jeito, que quando ela entra muito na vida das pessoas... Ela, pra mim, não vai modificar o pai e a mãe. Ela pra mim vai modificar a criança.

MICHELE: Eu acho que num primeiro momento ela quer mostrar que ela tem um conhecimento, tá ali observando você errar. Num segundo momento, vamos juntos consertar isso. Ela bota uma roupa mais informal. Ela entra formal, depois quando ela começa, ela solta o cabelo, bota uma blusinha tipo, vamos trabalhar junto.

DANYELLE: E também a outra coisa que tem, outra informação que ela passa com aquele uniforme dela ali pra mim além da autoridade é que, assim a governanta da casa. Ela chegou pra botar a ordem.

RENATA: Detentor do poder, do conhecimento.

DANYELLE: Isso! Ela sabe tudo, ela estudou. Então ela é a senhora da razão.

TAISI: É um pouco prepotência, né, porque ela não dá abertura pros pais falar olha só eu acho que isso não vai funcionar assim, vamos fazer de outra forma. Ela chega e ela impõe: é isso que vocês vão fazer, pronto e acabou!

RENATA: Até mesmo porque os pais chamaram ela, né, eles tão bem perdidos.

TAISI: Eu acredito que tem a possibilidade de um diálogo, até com as crianças mesmo: por que você não gosta de dormir no seu quarto? O que que acontece no teu quarto? Eu acho que, até com a criança mesmo poderia ter um diálogo, entendeu, no método dela.

MARCELLE: E nem deixa aparecer que o diálogo foi feito por detrás das câmeras. Não daria tempo pra mostrar toda a conversa, mas, um programa ou outro, se

houvesse esse diálogo ela poderia até colocar e ela não coloca. Então, dá a entender que ela já chega pronta.

DANYELLE: Por isso que eu acho, na minha ignorância, eu nunca olhei como é que faz a inscrição lá... Por isso eu acredito que nesta inscrição eles peçam, eles perguntam: e aí, o que que tá acontecendo? Qual é o seu problema? Aí ali a pessoa deslancha... Ah, porque acontece isso, porque acontece aquilo... Ela descreve o que acontece na casa dela...

RENATA: Deve perguntar: você trabalha fora? Se não trabalha, pra ter uma noção de como vai ser aquela família, se ela serve ou não pra aquele formato de programa.

MARCELLE: E vocês falaram das metodologias, que até o que ela mais enfoca é o Cantinho da Disciplina. Vocês usariam com seus filhos? No caso, quem não tem filhos usariam com seus alunos ou indicariam essa metodologia?

MARCOS: É proibido.

TAISI: Cantinho, hoje em dia, em sala de aula é proibido. O professor da discrimina o aluno. Então é uma coisa que não tem como você usar. O que eu uso é as plaquinhas de regra, mas também não é uma coisa assim, ah, desobedeceu vamos lá mostrar você fez errado... Eu não uso assim. Às vezes quando tá aquela bagunça generalizada eu falo: gente olha só, vamos lá ver nossos combinados. Vocês estão fazendo isso? Vou lembrando a eles...

MARCELLE: Mas os combinados, foi você que chegou ou você...

TAISI: É, foi uma coisa meio que imposta por mim. Eu cheguei com os desenhinhos dos combinados, eles pintaram. A gente fez nosso cartazinho e fica lá na sala.

MICHELE: Eu acho que impor ou conversar depende da idade que você trabalha,.. Se trabalha muito pequeno acaba você trazendo a sugestão e você conduzindo a turma a aceitar aquilo.

DANYELLE: Mas eles sabem o que é certo e errado.

RENATA: Imposição é uma coisa. Você explicar o porquê que aquilo está sendo imposto é outra.

MICHELE: Não, mas foi você que trouxe.

RENATA: Mas por que que não devemos sujar o quarto? Por que que devemos arrumar? Imagine, você chegar e sua casa tiver toda desarrumada, você vai achar alguma coisa? Eu acho importante, pra você impor uma coisa, você tem que fazer a criança ter consciência, senão...

MICHELE: Você vai tá impondo. Você trouxe a regra e vai mostrar que ela existe. Mas você trouxe. Agora, quando a criança é maior, você pode sentar e falar assim: gente, o que a gente pode combinar pra que a nossa sala funcione? Agora a criança tem que ser maior. Eu trabalho com turma de adolescente e eu faço isso. Eles fizera as regras deles. Eles foram até mais malvados com as punições do que eu seria. Eu falei assim: gente, eu não colocaria isso, mas tem que colocar porque é maldade se o outro faltar o outro vai ganhar a mesma coisa que eu que vim todo dia. Eles fizeram as regras deles. Agora é óbvio que aquilo não vai durar até o final do ano se você também não entrar na dinâmica.

GUILHERME: Eu faço muito com os meus e que dá certo: eu boto eles pra votar em tudo que vai ser decidido. Por exemplo, no colégio que eu trabalho, eu peguei o time de futebol da escola pra treinar porque o professor de educação física da escola é completamente alucinado, chegar ao ponto de eu assistir ele tacar cones nas pernas dos alunos. Completamente alucinado.

MARCELLE: Supernanny pra ele!

GUILHERME: Eu fiz uma lista de regras com eles, que tem regras de comportamento, regras de quantidade de notas vermelhas, quem tem mais não joga... Tem todo um esquema de regras. Quem entra e quem sai do time é votado

pelos que continuam. Quem tem nota, quem tem o comportamento no esquema vota. Teve dois que ficaram no time, mas não cumpriram a regra. Porque um não tem nota boa, mas o comportamento melhorou uns 200%. Era um inferno o moleque dentro da escola e agora tá uma dama. Eu botei nos mais votados. O que vocês acham? Francisco continua ou Francisco sai? Todo mundo votou não, Francisco continua, melhorou o comportamento...

RENATA: Olha só, mas como foi criada a regra, essas coisas que foram feitas pelos alunos, eles são maiores. Por que que eles escolheram este tipo de regra?

GUILHERME: Não, a regra quem fez foi eu. Eles só votam pra saber se vai ser cumprida ou não.

RENATA: Eles já tem consciência de aquilo é bom ou ruim. Agora uma criança pequena não. Ela não sabe...

DANYELLE: Sabe sim!

RENATA: Nem sempre ela sabe. Uma criança de dois anos, se ela vai subir, às vezes ela não tem noção de perigo. Ela começa a pular, ela começa a fazer certas coisas porque às vezes ela não tem noção...

DANYELLE: Sim, mas no conjunto... Você veja bem. Eu já fiz isso. Você senta com eles, pode fazer a tal da rodinha que a gente sempre faz, tá é o momento da conversa. Isso até com educação infantil, já fiz. Você vai construir com eles esses nossos combinados.

RENATA: Acho importante, pra não ficar uma coisa imposta, nós vamos fazer isso por quê? Porque isso acontece isso.... O importante primeiro, além de ter a regra, mostrar por que essas regras existem e qual a função dela.

DANYELLE: Sim, mas quando você construir com eles, tudo isso rola. Na conversa, na construção... Eles trazem...

RENATA: O importante é focar por que aquelas regras são importantes e por que elas tem que ser seguidas. E não: Ó tem que fazer isso porque acabou, porque eu to mandando.

MARCOS: Vem cá, agora varia esse negócio de impor regra ou fazer regra. É variado do momento da localidade. Eu creio nisso. Porque você, mais ou menos, você fez isso?

DANYELLE: Foi no Paraná. Aqui, eu não trabalhei ainda.

MARCOS: No Paraná. Exatamente. Porque onde eu trabalho, eu não vejo possibilidade de fazer regra com criança de três anos não.

MICHELE: Depende da sua relação com a turma. Da sua relação com as crianças.

MARCOS: Não vejo esta possibilidade.

MICHELE: Você tem que bolar uma dinâmica pra fazer. Por exemplo, criança pequena, se você bola um jogo, aquele jogo de pegar o rabo sem regra nenhuma. Vai ter criança que vai sentar e esconder o rabo, vai encostar na parede. O outro vai falar: mas tia ele ta, não pode... Mas aí peraí não pode encostar na parede? Aí todo mundo vai falar: ah, não pode, vai ficar difícil pra pegar. Tá bom... No final da brincadeira, eles já botaram um monte de regra. Aí você fala: Será que não seria legal a gente fazer isso pras nossas aulas? Aí eles vão falar: É...Então o que que vocês acham... E aí você consegue: mas eu não consigo dar aula se você virar de costas. Você iria conseguir falar comigo se eu virasse de costas? Você vai mostrando a criança aquelas regras...

RENATA: Mostrar as regras, mas mostrando o por quê. Dando sentido a elas.

MARCOS: Você já fez isso? Já teve experiência com isso? Aonde você fez?

MICHELE: Só que eu falei. Eu faço com adolescentes. Sim, eu faço com adolescentes. Mas esta mesma dinâmica dá pra fazer com criança. É porque eu não trabalho com criança.

MARCOS: Não, porque é legal a gente saber aonde, que momento e quantas crianças também.

MICHELE: Eu trabalho com crianças de oito a dezenove anos. É tudo classe diferente. Tem pessoal rico e humilde...

MARCOS: Não, não funciona assim. Porque, por exemplo, a gente vê aí na televisão filmado a criança com um comportamento incrível e a professora passa todo o conteúdo pra criança. A criança tá ali estática, parada, só recebendo porque tá sendo filmado. Então ela foi condicionada aquilo ali naquele momento. Mas fora daquilo dali a gente vê que a realidade é outra.

MICHELE: Isso que eu tô falando. Se você chegar numa turma que tá muito dispersa, você tem que, primeiro bolar uma dinâmica, um jogo, alguma coisa pra que eles compreendam a necessidade de se construir uma regra e aí construir junto com eles. Agora você chega e a turma tá um caos e você: gente vamos construir uma regra? Vão te xingar e virar as costas.

DANYELLE: Com certeza!

MARCOS: Ela quer falar ali. Ela tem a solução.

TAISI: Porque assim, não é a solução é o que eu faço e deu certo. Como eu falei assim, ah foi imposta porque eu pensei no que seria bom pra ser feito na sala de aula e o que não seria bom. Então eu levei esta sugestão pra eles, mas lógico que eu trabalhei com eles. Olha só, a gente vai brincar e vamos guardar os brinquedos na caixa? Por quê? Se deixar espalhado vai sumir os brinquedos. Aí depois a gente vai querer brincar de novo, não vai encontrar. Lógico que foi conversado pra eles entenderem também, pra não ficar uma coisa lá e eu fiz e ninguém faz nada.

MARCOS: Eu queria que você dissesse, qual o lugar que você fez isso?

TAISI: Eu trabalho em Itaúna, meus alunos moram no Salgueiro e tem de quatro a cinco anos. Coisas como esta funcionam sim na minha sala.

MARCOS: Você conseguiu?

TAISI: Consegui. Agora que ta chegando o final do ano, que eles já tão acostumados com essas regras, às vezes eles percebem que um amigo mesmo ta fazendo uma coisa que não é pra fazer, eles mesmos vai lá e olha tia, fulaninho ta fazendo isso, não pode fazer isso. Funciona.

RENATA: Tudo na vida tem regra, senão vira uma bagunça.

MARCOS: Tem que ter regulamento.

RENATA: Tem que ter regulamento. Se todo mundo começar a falar junto aqui, ninguém vai entender nada. Então, eu mesmo vou esperar ele terminar, pra outra falar e assim por diante. Uma coisa que acaba, a gente usando no nosso dia-a-dia, sendo um hábito.

MARCELLE: A Supernanny coloca também, nesta questão das regras, o “Método do Incentivo”. Vocês concordam? Vocês acham que o “Método do Incentivo” funciona?

MARCOS: O método...

MARCELLE: Do Incentivo, ou seja, se você fizer isso você ganha aquilo. Se você se comportar bem, você ganha um passeio com os pais.

JOSÉ CLAUDIO: Concordo. Quem anda na linha tem que ser premiado.

MICHELE: Eu acho isso muito delicado.

DANYELLE: Eu também!

MICHELE: Acho que num primeiro momento talvez seja necessário pra criança pequena, não sei nunca tive criança pequena, mas eu acho que, posteriormente, isso não pode virar um hábito. Senão eu só vou tratar ela bem se ela tiver uma coisa pra me oferecer?Pra me dar em troca?

DANYELLE: Eu acho que esse incentivo pode com o tempo, como ela (Michele) falou, diminuindo ou que você também pode trocar.

MICHELE: Eu fiz uma vez, todo mundo diz que é errado, mas a turma era um caos, fiz o quadro de estrelinhas. No primeiro momento todo mundo, menos um, começando a melhorar porque no final do mês ia ganhar uma bala, coisa boba. Chegou no final do ano, ninguém mais tava nem aí pra estrelinha. Às vezes, não pendurava no quadro e ninguém me cobrava. Porque eu vivia esquecendo, deixando na mochila. Às vezes eles falavam: você não pendurou tia!! Aí eu pendurava. Chegou no final do ano, ninguém me pedia mais. Tava lá na minha bolsa, mas ninguém me pedia mais. Porque não era assim, eu não tava fazendo certo por causa da bala. Eu acho que tem que ir diminuindo.

RENATA: Eu acho que isso é uma forma de condicionamento. É pra você condicionar. Se você quer isso, pra você conseguir isso, você tem que fazer o que eu quero.

MARCELLE: Mas a gente não faz isso com os nossos filhos?

RENATA: Faz!!! Isso que eu tô falando.

MARCELLE: Se você fizer isso eu vou comprar aquele boneco que você tá me pedindo.

RENATA: Exatamente!

MICHELE: Fazem isso com a gente, na vida. Só vai receber uma promoção se você tiver se comportado dentro daquele padrão.

MARCELLE: Só vai terminar a graduação se fizer a monografia...

DANYELLE: Com certeza!

RENATA: Querendo ou não, na nossa vida, a praticidade é melhor. Eu quero acabar com aquele problema logo então, o que que eu faço? Eu faço o que seja melhor, o interesse da criança.

MICHELE: Eu acho que não necessariamente um condicionamento, mas um agrado. Por que que a criança vai fazer o que você quer e deixar de brincar naquele momento? Por quê? Como é que ela vai entender que aquilo é importante?

MARCELLE: Será que a Supernanny não está condicionado essa criança pra realidade aqui fora? No caso, ela já ta aprendendo desde pequena que você só vai receber seu salário se você trabalhar.

RENATA: É o sistema.

MARCELLE: Você só vai fazer amizade se você se posicionar, se você ficar num canto...

MICHELE: Você tem que ensinar o filho a viver no mundo lá fora. Então...

RENATA: Ela já ta utilizando o sistema de casa mesmo.

MARCELLE: Até deixei por último a pergunta sobre a rotina. Apesar de ser a primeira coisa que a Supernanny começa na metodologia dela. Eu deixei por último porque, vocês acham pertinente, vocês já falaram, a elaboração de uma rotina, mas por que que é necessário ter uma rotina? Pra que que serve ter uma rotina? Todos tem rotina?

JOSÉ CLAUDIO: Cada família deveria ter uma rotina. Vamos supor que eu fosse... Uma favela. A rotina seria diferente do que se fosse, por exemplo, uma família mais

rica. Teria outra rotina. Por exemplo, a rotina do Eike Batista (empresário) é diferente da minha, principalmente no fim de semana. Fim de semana eu trabalho, o Eike Batista vai viajar. Pra quem tem esse tipo de rotina é mole. Ganhar na loteria... Muda a rotina de qualquer pessoa. Não adianta a pessoa falar a rotina, a rotina... A rotina é pra cada pessoa, inclusive dentro da própria família mesmo.

DANYELLE: Pra se organizar! Porque aí você organiza o tempo.

RENATA: Porque eles estão meio perdidos, ela faz pra estruturar aquelas crianças, mas eu acho que, sabia que é necessário. No dia-a-dia, deixa pra amanhã, deixa pra amanhã... É igual a trabalho. Cheia de trabalho pra fazer...

MICHELE: Eu acho que não é pra você ficar preso na rotina, mas pra você ter uma ideia do que vem antes, do que vem depois. O que você tem que fazer naquele dia. Eu preciso de um tempo pra isso. Porque senão você se perde.

MARCELLE: E por que que pra criança seria importante a rotina? Porque nós já colocamos como adultos, né?

DANYELLE: Justamente pra ela poder criar, internalizar que há a necessidade de se organizar. Há necessidade de se ter um tempo x, que não é o dia todo.

MICHELE: Que tem hora pra tudo, que não pode brincar o dia todo. Ela vai ter que almoçar, ela vai ter que tomar banho...

RENATA: É igual ao cantinho do incentivo. É uma coisa assim de imediato, que que eu posso fazer naquele momento, aí depois você vai tirando aos poucos e fica sendo uma regra que ela tomou pra si, interioriza.

DANYELLE: Que fica automático.

RENATA: Fica automático.

DANYELLE: Se você começa a cumprir realmente a rotina, fica automático. Você já levanta, ah eu tenho que escovar os dentes, porque eu tenho que tomar banho... Então já fica automático. Você já internalizou a rotina.

MARCELLE: Então o programa Supernanny, no geral, tirando as coisas boas e ruins...

MARCOS: Só um último questionamento...

MARCELLE: Pode falar...

MARCOS: Pelo que eu já escutei aí, com relação aí, já ouvi, não sei aonde agora, me perdoe até com relação a isso, que essa tal de sistematização aí, ela aniquila com o indivíduo, não?

DANYELLE: Aniquila? Como assim?

MARCOS: Ele fica muito no sistema. Ele fica muito, eu tenho que fazer isso, tenho que fazer aquilo, muito regrado, muito treinado. Aí ele perde a sua autonomia.

DANYELLE: Não perde...

MARCOS: Eu já ouvi que isso aí não é legal. É chamado Behaviorismo, não é isso? Prêmio também...

RENATA: É condicionamento.

MARCOS: É o condicionamento, não é isso?

DANYELLE: Isso, mas só que você veja bem. Analise. Se você, nós estamos falando da rotina, o negócio do prêmio a gente já falou que isso vai, aos poucos, você vai assim, tirando aquilo. Ela já internalizou, mas muda o foco. Tipo assim, do prêmio. Ele vai mudar o foco. Hoje ele precisa gahar aquela bala, mas amanhã não vai ser a bala. Ele vai ter, como ela falou, ele vai ter que entrar no sistema do

trabalho pra poder ganhar o aumento, entendeu? Se promovido. Mudam os objetivos. E no caso da rotina, eu acredito que não vai aniquilar a pessoa ou alguma coisa assim porque a autonomia dela... Porque assim, você sabe do seu dia, ou das tarefas porque, quando você organiza uma rotina você sabe quais são as suas tarefas naquele dia ou para a semana toda, entende? Aí, no caso você...

RENATA: Quando a criança é pequena e não tem noção de nada...

DANYELLE: Ela não tem noção porque ela ainda não tem a rotina.

RENATA: Não, to concordando...

DANYELLE: Mas a partir do momento que ela vê isso, então ela já sabe que ela já tem todos aqueles afazeres pra aquela semana ou pra aquele dia. Ah eu não to afim de fazer. Tudo bem, mas então eu sei que amanhã vai acumular. Ah não vou fazer hoje. Hoje é o dia que eu vou tirar pra ficar no sofá o dia inteiro. Não vou fazer nada. Tudo bem, mas amanhã ela sabe ou o próximo sábado ela já tem consciência que vai ficar tudo apertado porque ela não fez nesse sábado, neste final de semana ou não fez hoje e vai ter que fazer amanhã. A autonomia dela ela tem porque ela sabe quais são as tarefas porque ela já internalizou que a rotina são tarefas. Você deixa em ícones pra você se organizar, entendeu? Eu acho que não aniquila a pessoa.

RENATA: Eu acho que ela acaba tendo uma noção de que agora eu não posso brincar porque tudo tem seu tempo. Porque até então ela não tem essa noção. Eu acho que seria uma questão inicial e ser retirado depois. Só pra criança se organizar, estruturar mentalmente como que seria o meu dia. Eu brinco o dia inteiro? Eu como? Eu sinto fome? É na hora que eu quero comer? Entendeu? Tem que ter uma rotina, acho que é só isso. A criança tem que entender como que é.

MARCELLE: E agora, depois de toda a nossa conversa, gostaria de saber se alguém tem alguma coisa a acrescentar pra a gente ta encerrando e gostaria antes de perguntar sobre a autorização, pra ta podendo publicar a transcrição da entrevista, das fotos e as imagens que, provavelmente a gente vai editar um DVD pra pode estar anexando ao trabalho. José Claudio autoriza?

JOSÉ CLAUDIO: Autorizo!

MARCELLE: Taisi, autoriza?

TAISI: Autorizo!

MARCELLE: Guilherme?

GULHERME: Autorizo!

MARCELLE: Michele?

MICHELE: Autorizo!

MARCELLE: Renata?

RENATA: Autorizo!

MARCELLE: Danyelle?

DANYELLE: Autorizo!

MARCELLE: Edna?

EDNA: Autorizo!

MARCELLE: Marcos?

MARCOS: Autorizo!

MARCELLE: E eu autorizo, né?

MICHELE: Eu acho que a única coisa que eu tenho a acrescentar e que eu já falei é que o programa da Supernanny eu acho que falta muita coisa e poderia ser mais útil

em como lidar com os pais e os filhos, essa relação... Que a versão inglesa, original, tem mais dinâmicas dessa relação. Que ela enxugou muito e acabou perdendo algumas coisas.

MARCOS: Este programa tem mais tempo pra fazer, o programa tem mais tempo...

MICHELE: Não, tem o mesmo tempo, mas ela consegue dar uma dinâmica maior ao programa.

MARCOS: Eu acho, porque como eu já falei no início. Este programa merecia um outro programa pra falar do marido, pra trabalhar em cima do marido e não foi feito, né? Eu acho que faltou isso. Seria o programa dois, mas eles não tem interesse. É comercial, aí ficaria até uma coisa maçante, porque as pessoas também não querem ouvir a outra parte. Quer terminar... Enfim, faltou essa parte. Você disse que tem esse programa na versão inglesa, né...

MICHELE: Ela não enfoca tanto os pais. Ela foca mais a relação com as crianças. Trabalha com os pais também, de forma menor.

MARCELLE: O programa Supernanny ele é baseado neste programa americano, inglês... Alguém mais quer acrescentar? Agradeço a presença de todos. Foi muito legal poder contar com a participação de vocês na minha monografia e assim que tiver pronto eu vou passar pra vocês.

DANYELLE: Eu quero uma cópia.

MARCELLE: Vou passar! E fim, palmas pra nós.